

# BRASIL—PORTUGAL

1 DE OUTUBRO DE 1899

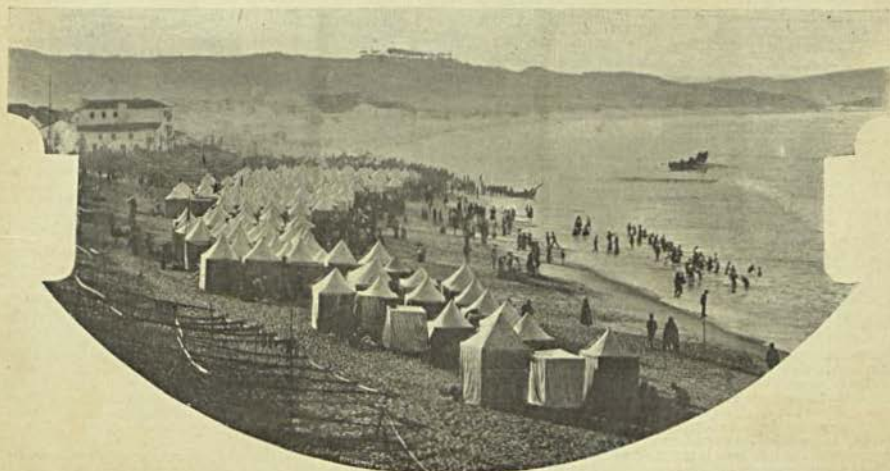
N.º 17

## PRAIA DA NAZARETH



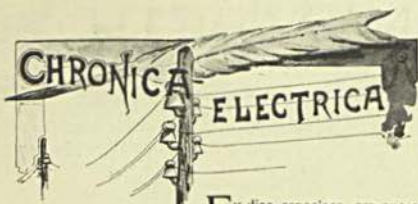
Cidade de S. Pedro (Nazareth)

**O Forte**



Cidade de S. Pedro (Nazareth)

**Praia de banhos**



**E**m dias especiais, em que se annunciam espectáculos de rua, que podem satisfazer a curiosidade indigena sem dispendio de cobres, o povo vem para a rua atirado, de nariz no ar, armado de paciência para ver quasi sempre a mesma coisa.

E dir-se-ha que isto é um prazer! Não; é um vicio, é um habito, um feito mesológico d'uma raça que morre por não fazer nada, e que procura nas mais insignificantes bagatelas um motivo para distracção barata.

E' curiosa de ver, então, essa historia da rua, ao sol. Todas as caras exquistas, avidas de coscoviçhe, os trajos mais desconcertados e bizarros, formando alas por onde passará ou o cortejo civico ou a procissão annual de determinados santos acreditados no calendario popular.

Estes cortejos são para a grande massa uma como que novidade; essa gente que espera horas e horas alinhada nos passeios, tem o ar pacifico e despreocupado.

E' um pretexto para se vestir um fato ha muito arrecadado nas comodidades de mogno, ou para se tomar um pedaço de ar de ver outras creaturas só exhibidas n'estas occasiões; é, enfim, uma occasião para se namorar ou palestrar-se—mas tudo isto sob a intenção perfunctória da crença, quando o dia é de festa, á sombra do qual se fazem e se combinam estas entrevistas curiosas.

A manifestação liberal do dia 18 promettera um d'estes pratinhos aos gulosos. Assim é que desde a manhã d'esse dia os curiosos estacionavam no Terreiro do Paço á espera de coisa de vulto.

Efectivamente algumas associações liberais que previamente se tinham munido de autorisação para collocarem uma coroa de bronze no pedestal da estatua de D. José, para evocar não as virtudes do rei, mas as energias do seu primeiro ministro, foram áquella praça, preparar aquella manifestação, que tinha todo um caracter de brandura.

A ordem maninha-se alli com apertados circuitos de policia.

E esta, que deixou ao principio correr tudo pelo melhor, a certa altura, (e não sabe se por ignorancia das virtudes de Sebastião de Carvalho, ou por estas d'alma especial...) desatou á pranchada bravia sobre os commisionados, sobre o povo mais á beira do monumento e de tal modo, que até apanhou para o seu tabaco a coroa, o cavallo do rei, os elephantes de pedra, o proprio marquez de Pombal e o gradaimento de ferro que circunda a obra de Machado de Castro...

Como acontece em todos estes singulares combates... houve desgraçado que ficou de orelhas murchas, quando muito naturalmente as tinha apropinquado para ouvir a rhetorica socialista que o sr. Azevedo Guecos costumava servir aos seus admiradores no pateo do Salema.

Depois o cortejo mais ou menos desasado e reconstituído, apoz aquelle delicioso chifrim, seguiu até ao cemiterio dos Prazeres, para alli se despejar sobre alguns sarcophagos de illustres revolucionarios o panegyrico habitual d'estas manifestações.

Tudo isto é muito nosso... e ninguém como nós para levarmos pranchada velha da policia que tem d'estes hysterismos graciosos!

O inverno ha-de trazer-nos as ultimas turbas de banhistas e de retardatarios. Lisboa espera o para assistir ás aberturas dos theatros, como quem espera os namorados.

Os reclamos adubados de adjectivos pyramidaes annunciam com com mezes de antecipaçaõ as dramaticas estrangeiras que successivamente irão deliciar a plateia portugueza.

Sarah Bernhardt virá mostrar-nos mais uma novidade theatral: — o papel completo do Hamlet feito por ella. Réjane, que o publico portuguez não conhece, mostrar-nos-ha a Casa de Bonica em que Lucilia Simões se revelou com tanto brilho.

E' uma época em cheio. Por seu turno a companhia de D. Maria II faz a *reprize* do *Frei Luis de Souza*, engulido de muitas companhias, com scenario pintado por Manini.

E' tudo isto para aguçar o appetite...

Os acontecimentos internacionaes continuam torcendo á nossa pacatez elementos para a discussão banal de todas as palestras improvisadas ás portas dos cafes e nos angulos das ruas.

A' questão de Dreyfus succedeu-se immediatamente o conflicto anglo-boer. E como a este litigio nos liga um interesse proprio, não é sem grande preocupação que se devoraram as ultimas noticias sobre a guerra, por assim dizer, imminente, entre a Inglaterra e o Transvaal.

Emquanto as atoardas mais heterogeneas soam de todos os lados, os jornaes occupam-se quasi todos do assumpto que visam as nossas colonias, porque todos reconhecem quanto é perigoso para a nossa autonomia uma guerra entre aquelles paizes, sendo a Inglaterra tão cubigadora de Lourenço Marques.

N'este momento sabe-se apenas que o conflicto está no seu auge. Os telegrammas põem-nos ao corrente com atrazo apenas de um dia, dos ultimos movimentos das forças dos boers, os quaes pelo que se vê, estão promptos para o primeiro signal.

O governo portuguez deve olhar para este assumpto com olhos melindrosos e o paiz assiste comovido a esta guerra latente, cujos resultados não pôde precizar. Os presentimentos de todos nós, por mais que se cuide evital os, são intencionalmente.

O nosso optimismo não pôde, infelizmente, aceitar outro desfecho que não seja uma guerra que a nenhuma outra nação, como á nossa, poderá preocupar tanto.

BRASIL—PORTUGAL



## João Bastos Junior

Uma das maiores individualidades do commercio luso-brasileiro é, sem duvida, João Bastos Junior. Muito novo começou a sua vida commercial, iniciando os seus primeiros estudos no Porto depois em Lisboa e passando ao estrangeiro para completar com a sua estada nas principaes cidades industriaes lá de fóra a educação magnifica que hoje possui sobre todos os ramos do complexo e laborioso mister a que tão devotadamente se dedicou.

João Bastos Junior é filho de João Bastos Gonçalves Pereira, proprietario e natural do Rio de Janeiro. Apesar de ter nascido em Portugal optou pela nacionalidade de seu paiz. Nasceu em Braga em 24 de março de 1893.

Depois dos primeiros elementos que recebeu no nosso paiz procurou uma collocação em Hamburgo e depois em Manchester, onde

adquiriu grande cabedal de conhecimentos practicos e superiores a ponto de poder ser um dos mais activos negociantes da nossa praça.

Com o seu genio verdadeira mente apprehendedor, facil lhe foi ao encontrar collocação condigna e em harmonia com as suas extraordinarias aptidões. E foi assim que ao regressar do estrangeiro se pôz ao serviço da importante casa de S. Fonseca, Santos & Vianna.

Em 1891 estabeleceu-se em

Lisboa com uma casa de commissões, cujo negocio principal consistia na exportação para os portos do Brasil—Rio de Janeiro, Pará, Maranhão.

Grças á sua optimas qualidades de caracter em pouco tempo grangeou n'aquellas cidades um grande numero de conhecimentos, entre os quaes conta numerosas sympathias e amidades, verdadeiramente invejáveis.

João Bastos Junior é, por todos os titulos digno de todas estas sympathias, porque allia a uma solida e esplendida educação, predicaes apreciabilissimas de caracter e de coraçao.

Novo, cheio de esperanças, tem deante de si um magnifico futuro e a fortuna não deixará de lhe sorrir, porque a sabe alcançar pelo trabalho persistente e aturado, que é uma das grandes forças da vida.

A sua casa commercial estende-se hoje, a negociar, desde as costas oriental e occidental d'África, ilhas adjacentes e America do Sul.

Conhecemos, de ha muito, este apreciado rapaz, dotado de tão raros predicaes que não nos é facil synthetisar os n'um pequeno artigo sobre a sua vida curta mas já cheia de factos interessantes e dignos da nossa admiração.

João Bastos Junior, a quem hoje o *Brasil-Portugal* dedica estas palavras merecidas e justas não precisa de que se lhe exagere a sua biographia.

A sua vida laboriosa e activa basta por si só para exalçar todas as suas qualidades e com dizer-se alguns dos traços principaes do seu brioso caracter não se lhe faz senão a justiça de que elle se torna credor para todos que o conhecem como cidadão e como homem.

Taes as simples e sinceras palavras com que o *Brasil-Portugal* emoldura o retrato d'este distincto cidadão brasileiro, tão conhecido entre nós como na sua patria e tão digno da estima e admiração d'aquelles que tiveram com elle alguma vez relações pessoais e se honraram com a sua amizade.



João Bastos Junior

# A PRAIA DA NAZARETH



Cidade de Santa Nazareth (Nazareth)

Visão geral da Praia



PROCURAMOS nas numerosas gravuras que sobre a Nazareth publica hoje o *Brasil-Portugal*, frisar e tornar bem publicos os encantos, as bellezas, o progressivo desenvolvimento d'esta formosissima praia. Pelo accidentado das suas montanhas de areia, por essa rude costa do norte, em cujas rochas veem quebrar-se as ondas altaneiras, por esse morro caprichoso e original que se eleva até ao Sitio, e de cuja extremidade rompe com uma assombrosa audacia o lendario rochedo, que ha tantos seculos ameaça desabar sobre o

Oceano, e que, segundo a mesma lenda, conserva ainda os vestigios das patas do cavallo de D. Fuas Roupinho, suspenso sobre o abismo por um inaudito milagre da Senhora da Nazareth, pelo inconfundivel espectáculo panoramico que d'essa altura se offerece aos olhos maravilhosos, aos quaes cá muito em baixo se desdobra a povoação da Praia, com as suas casitas muito brancas, as suas ruasinhas paralelas com titulos ora humides, ora pomposos, pelo pittoresco do seu rio, que, como um cordeiro manso, repousa confiado e sereno ao lado do leão indomito, que leva a generosidade a não o tragar de um momento para o outro, pela excentricidade do morro de S. Bartholomeu, esse montão granítico que, por um capricho geologico, rebenta do solo arenoso e se ergue a uma altura d'onde se dominam interminaveis florestas de pinheiras, pela situação da Pederneira, a que pode chamar-se a povoação matriz, por todo este conjunto de naturaes encantos, a Nazareth é para nos a praia mais linda, mais pittoresca, mais interessante, de quantas se estendem pela nossa costa maritima.

Com que maravilhas de civilisação a não teria dotado a phantasia estrangeira se chamasse sua a esta preciosa flor do Oceano! Como os seus morros escavados e as suas planicies de areia seriam transformados por uma vegetação artificial e propria! Como por todas as imminencias se lançariam *chateaux* elegantes, *villas* confortaveis, onde se alliasses o bom gosto e a fortuna!

E depois... é possível que não. O que hoje ha ali de tosco e selvagem perderia porventura a sua belleza essencial com as transformações e aperfeiçoamentos que, sob outro ponto de vista, se recomendam. Quem escreve estas palavras recorda-se de um tempo, ja bastante recuado, em que a Nazareth de hoje se via ainda no seu estado rudimentar. As casas dos pescadores, á borda da praia, eram todas de madeira, e apenas, aqui ou ali, se erguia um predio modesto, que tinha para a terra um ar senhoril. A palavra *restaurant* ainda n'aquellas regiões balneares não era conhecida, e o hotel, que apesar de não ser como o *Grand Hotel de Paris* ou o *Cecil Hotel de Londres*, toma proporções de grande palacio, de qualquer sitio que se mire, como acontece quando de um alto se olha para Mafra, em que o convento domina e absorve tudo o que o cerca, o hotel existia então simplesmente na phantasia de um rico industrial, velho *dilettante* d'aquella praia, que a dotou com esse importante melhoramento e que com outros viria enriquecer a se a morte prematura o não impedisse d'esse ardente *désideratum*.

Contentemo-nos portanto em ver que a povoação se vae todos os annos e para todos os lados dilatando e desenvolvendo! D'essa parte principalmente se encarregam os proprietarios das armações, enriquecidos pelo peixe. E se um dia a arte decorativa e a arte do conforto, a moderna arte *raffinée*, que de pequenas e humides terras banhadas pelo mar tem feito paraísos terrestres, se um dia ella, por qualquer convulsão do progresso, conseguir penetrar nas margens, nas encostas e no recinto da praia da Nazareth, reservemo-nos para então formularmos a nossa opinião franca sobre se é mais bella a natureza tosca ou a natureza alindada.

Mas falar da Nazareth, e não falar da Milagrosa Imagem, e não dizer, aos que a não saibam, a historia d'essa Virgem que tem arrancado tanta gente á morte, que tem evitado naufragios, que sobre o abismo das ondas tem suspenso fragris lateis, como suspendeu sobre a rocha do Sitio o cavallo de D. Fuas Roupinho, que tem dado



Cliché de Dr. Tavares Crespo

Bois puchando um barco

saude a doentes, vista a cegos, que tem feito falar os mudos e andar os cegos, e, como até já no seu templo ouvi no panegeirico de um pregador que agradeceu a Senhora o milagre de livrar um manco das sortes, não falar d'esta Prodigiada Imagem, a quem fizeram concessões e ofertas valiosas os reis catholicos e os reis fidelissimos, aos pés da qual fidalgos de grande stirpe vieram em publica homenagem rojar humildemente as suas prosapias, sobre cujos sagrados hombros penderam mantos preciosos e artisticos, que lá collocara a devoção de Fernando VII e de Isabel a Catholica, não fazer a historia, por assim dizer, biographica, da Senhora da Nazareth, a quem os cyrios de Obidos, de Porto de Moz, das Caldas da Rainha, de Peniche, de Alcobaca e de outras terras ainda dos districtos de Leiria e de Lisboa, veem todos os annos, no mez de setembro, em longas e poeirentas romarias, trazer devotamente as suas oblatas, render os seus preitos, e tributar os agradecimentos pelos favores concedidos pela Senhora durante tantos seculos de ininterruptos milagres, não contar que elles são taes e tantos que, apesar de haver pregadores que se esfalfam, chegando alguns a pregar trinta sermões por dia, muitos milagres ainda ficam por narrar e agradecer, occultar que as filhas, as viúvas e as mães que sobem de joelhos a escadaria e o pavimento da igreja, e todos os centenares de devotos que lhe levam todos os annos pernas, braços, tochas, peitos, anjinhos de cera, tudo isso é nada perante os repetidos milagres da Senhora da Nazareth, não descrever tudo isto, deixar de dizer a origem da Senhora, seria uma tão imperdoavel falta que não arrostamos com a responsabilidade de incorrer n'ella. Mas como essa historia está feita e descrita, demos a palavra ao auctor que d'ella trata por esta forma:

A imagem da Nossa Senhora da Nazareth esteve desde 714 até ao seculo xii encerrada na gruta feita por Frei Romano, onde a deixou D. Rodrigo, até que D. Fuas Roupinho, alcaide mór de Porto de Moz e almi-rante das esquadras de D. Sancho I, a descobriu por acaso. Andando este illustre cavalleiro de D. Sancho I em exercicios venatorios nos matagais do conelho de Fardes, villa hoje arruinada, e de que mal se lhe descobrem os raros vestigios de seus alicerces, diz-se que se lhe levantara um formidavel veado, e que, sendo perseguido pela matilha e homens de caça e pelo proprio D. Fuas, se encaminhou para o logar hoje denominado o Sítio, onde se acha o mosteiro, e ali, a fera, que era seguida de tão arrojado cavalleiro, se precipitou no abysmo que separa a Praia, hoje aldeia bastante povoada, do indicado logar.

D. Fuas, que não attende ao perigo que corre, lança o seu fozoso cavallito alto e espessos arbustos, e foi enlao que, vindo-se sobre um precipicio de 300 pés pouco mais ou menos, e prestes a despenhar-se no espaco, onde o seu cavallito chegou a estar quasi que abandonado, apenas firmou nas pernas, se lembrou de invocar a memoria de Nossa Senhora da Nazareth, d'essa vigia constante, que nunca o abandonara, e já em 1180 o ajudara a ganhar a celebre batalha naval contra os turcos, a quem derrotou nas aguas do mar floxo em defeza dos Santos Logares; pois que Nossa Senhora da Nazareth fora sempre da sua particular e viva devoção; que da mesma forma o livrara de acabar a vida de um modo tão desgraçado. D. Fuas, posto que homem do mar, era com tudo um habi-lit cavalleiro; aproveitara um momento de indecisão do seu cavallito em saltar para o oceano, e auxiliado pela declarada protecção de Nossa Senhora da Nazareth, fez-lhe

dar meia volta sobre os membros posteriores; e assim o bel animal veio pousar o destro cavalleiro em terra firme, e este, apeado-se ajoelhou e deu graças a Nossa Senhora de ter praticado em seu favor tão sublime milagre.

Ha quem affirme, que o veado não era mais que a figura do diabo, que se propozera tentar aquelle virtuoso fidalgo, e fugindo deante d'elle sob aquella forma, o attrahia a morte. Esta opinão não nos parece muito sensata; no entanto, o que nós não podemos negar é que D. Fuas, apenas acabada a sua oração e enfeitado o seu cavallito a uma pagem, começou com toda a sua comitiva a procurar e a pesquisar por aquellos logares — se podia encontrar algum caminho por onde o veado descesse a tão profundo abysmo. Pois lhe parecia impossivel que o animal saltasse por ali, e muito principalmente ouvindo-se lá em baixo o rugir das vagas, que loucas se vinham quebrar nos rochedos da praia; e depois de muito procurar, descobriu uma estreita e sinuosa vereda, que em zig zag descia até uma certa altura, perdendo-se depois no interior do monte, para onde se entrava por uma acanhada locca, chegada a esta teve recuo de entrar, pois por esta abertura sahia um sussurro desuado e desconhecido, mas, applicando com attenção o ouvido, conheceu serem as ondas do mar que d'outro lado do monte vinham bater. Animou-se a entrar D. Fuas, mandando adiante um dos seus mais fieis escaivos de casa; e qual não foi a sua admiração quando viu o veado lambendo as feridas que, durante a carreira, quando perseguido, tinha recebido, e deitado junto d'uma nova gruta que se abria para o lado, para onde de vez em quando lançava a vista, como para pedir protecção contra o cão, que o mirava sem parecer querer fazer-lhe mal; alguns segundos esteve n'esta contemplação, até que se decidiu a percorrer a gruta, não sem custo por ser extremamente estreita, e foi n'esta digressão que elle viu, no logar para onde a fera voltava a vista, um pequeno buraco e dentro d'elle uma especie de roupagem ou manto que envolvia uma imagem qualquer, e tirando o do logar indicado, conheceu e viu pelas escripturas juntas ser a imagem de Nossa Senhora da Nazareth, e a mesma que frei Romano e D. Rodrigo para ali tinham trazido no desgraçado anno de 714 (novembro 22).

Caso notavel! as roupagens estavam intactas, depois de aproximadamente 6 seculos terem passado por cima d'ellas, respeitando assim a acção destruidora do tempo os fatos de Nossa Senhora da Nazareth.

Deixou D. Fuas ficar no mesmo logar a imagem de Nossa Senhora, até que, tempo depois, lhe mandou levantar aquella pequenina ermida, que ainda hoje ali se vê, muito elegante e de forma quadrada, mesmo por cima do logar do apparecimento, tendo agora a *capella* de 11 seculos!

Mais tarde, como a fama dos muitos milagres praticados por Nossa Senhora chegasse até aos confins de toda a Hespanha, ali começaram a affluir de toda a parte milhares deromeiros, que de longinquas paragens (tem continuado a vir agradecer a Senhora, com valiosos presentes, as curas maravilhosas que os seus milagres tem operado, que, com a devoção dos christãos devotos, e com os donativos dos reis, tanto de Castella como nossas, sobresahindo d'entre estes D. Sancho I, que lhe fez doação de grande porção de terras, e o seu descobridor, que muito se lhe dedicou, a ponto de dar começo as primitivas obras d'onde mais tarde devia surgir o actual mosteiro.

Mas, caso extranho! Nossa Senhora não queria habitar a primeira capella que se lhe fez, e tão depressa era levada para a nova ermida, como voltava para a humilde gruta, que durante 6 seculos lhe serviu de abrigo. Mais tarde, porém, mandou se-lhe fazer a actual capella em cima das ruínas da primeira, mas um pouco mais afastada para o norte, onde hoje se encontra e conserva; e com muita admiração de toda a gente se viu que lá se conservou; indagadas as causas, viu-se que o actual mosteiro foi por acaso construido mesmo por cima da gruta onde a Senhora esteve por espaço de 6 seculos.

D. Fuas tinha particular devoção por Nossa Senhora da Nazareth, como já se disse. Com o seu auxilio derrotou os turcos no canal da Palestina, d'onde fora trazida para a Hespanha por frei Justiniano romano, monge, em 705 da nossa era. Este monge era tambem muito devoto de Nossa Senhora da Nazareth. Conta-se que, andando em missão de predicas por terras da Palestina a converter



Um pescador



Cliché de Sítio Sequerra

Policias multando as peixeiras



Clube de S. Nogueira

Barco de pesca, saindo do mar

turcos á religião de Christo, fôra perseguido n'uma aldeia sertaneja pelos infieis, escapando por milagre de Nossa Senhora as atrocidades d'aquelles barbaros, indo pernitar a uma cabana de pastores junto do monte Sinai, e depois de os ensinar nas praticas religiosas, se conservou algum tempo entre elles, de quem collheu completas informações sobre as terras comprehendidas entre o golpho Persico e o mar Roxo.

Estes pastores entretinham-se em esculturar figuras que offereciam aos pagodes dos idolos. Depois de instruidos pelo santo monge, começaram por fabricar imagens de Santos, de quem elle lhes fazia a historia, e assim fizeram a imagem de Nossa Senhora da Nazareth, que offereceram ao monge.

E foi esta imagem que elle trouxe em 420 para o mosteiro de Caulianna junto a Merida, na Andaluzia, e d'ali para Portugal no anno de 714.

Regatas, cavalhadas, recitas, *pic-nics*, passeios a S. Bartholomeu, visitas á Batalha, banhos todas as manhãs, val-sas todas as noites, namoros a toda a hora, positivamente a Nazareth vae reconquistando o tempo perdido. Como o seu formoso mar entra impavido na praia, assim, linda, garrida e pittoresca, ella entra na civilização. Nesta especie de parlamento balnear ella era por assim dizer um candidato preferido, que só agora venceu a eleição e tomou assento. Por isso os forasteiros abundam e os preços sobem — o que constitue uma prova de progresso. E enquanto na sua eterna labuta os pescadores vão arrancar todos os dias ao mar o peixe que faz a fortuna de outros, e ao passo que as mulheres d'aquelle alardeo supplicante appellam para a senhora da Nazareth nos momentos em que a onda pavorosa ameaça engulhir-lhes os paes, os maridos, os irmãos, os filhos, a dois passos, os habitantes provisorios da linda praia improvisam todas as distracções, todos os divertimentos de que se presam as mais ricas e bem cotadas estações de banhos.

O clou que fechou o mez de Setembro foi uma recita por amadores. Recita que de antemão attraheu todas as sympathias porque o fim a que o producto d'ella era applicado era um fim de caridade e da que mais se recommenda aos corações bem formados, visto que vae enxugar as lagrimas d'aquelles que na orphanidade ou na viuvez choram a morte dos entes queridos que o mar lhes arrebatou na sua furia insoffrida.

Figuram entre as distracções que a colonia balnear escolheu no mez de setembro d'este anno as cavalhadas em frente do Club e a regata na foz do Alcoa. Essas festas typicas estão representadas em varios dos nossos *cliques*, a cujos auctores nos referimos na *Pagina Suplementar*.

A festa do rio foi promovida por alguns rapazes de gosto, antigos habitantes da praia. Foi o inicio, foi uma tentativa de excellent resultado. Provou que o pequeno rio da Nazareth, sereno como um lago, repousando na base

de uma montanha de areia, se presta maravilhosamente para estas batalhas fluvias de flores, de confeitos, de serpentinas e de *bonbons*. E era de veras encantador o espectáculo que de dentro dos barquitos enfeitados se gosava. As margens completamente cobertas de gente, e ao longo da estrada milhares de pessoas que de todos os pontos tinham vindo presenciar a primeira regata que se fazia no Alcoa.

Sobresahiam pelo bom gosto decorativo entre os barcos adornados o dos srs. Augusto de Campos, dr. Silverio e Ignacio d'Azevedo. A nossa gravura representa o. É uma barca de armação transformada n'uma especie de tenda elegante de campanha. Quatro lanças na ponta das quaes se abre uma colcha da India, de damasco vermelho, formam um toldo, de sob o qual se fere uma renhida batalha, cujas elegantes combatentes procuram exgotar o arsenal carregado de apetrechos de guerra. Ila um momento em que os barcos se emmaranhão, as serpentinas enlaçam umas nas outras, a *fuzilaria* ribomba, colcha-se de rosas e rebuçados de ovos a superficie das aguas, e lá em cima, na proa d'este barco tão finamente enfeitado, uma enorme coruja embalsamada contempla e disfructa, pela primeira vez depois da sua morte, esta interessante batalha fluvial, beijada pela espuma branca do mar proximo.

Outro espectáculo bem differente, mas não menos interessante, foi o das cavalhadas... em burros. Alguns dos numeros mais applaudidos são tambem representados em uma das gravuras que offerecemos aos leitores do *Brasil-Portugal*.

E como não foi nossa intenção apresentar a Nazareth sob o unico aspecto de praia de banhos,ahi a tem soz variados pontos de vista, entre os quaes predomina o do pittoresco, e o do rude labor dos homens do mar. Ahi tem esses barcos de pesca que, ao entrarem nas ondas e ao sahirem d'ellas, offerecem um dos mais attrahentes espectaculos da permanente labuta do homem rude. São as ondas que os trazem, a esses frageis barquitos, são as ondas que os levam, mas ai d'elles se a ressaca os colhe de improviso, se o mar traiçoeiro annulla e desfaz as previsões do arraes e de todos os pobres homens que formam a sua companhia!

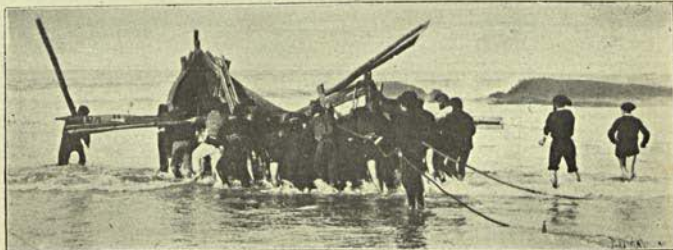
O espectáculo é deveras empolgante. Quando a vaga se levanta soberba e temerosa, e com fremito se despedaça nas rochas da praia do norte, e desdobra pela areia, lambendo-a, a sua lingua de espuma, vasta e nivea, que ameaça estender-se pela praça e pelas ruellas, é quando os mirões accorrem á praia e se espalham por todas as immedições do mar para gosarem o espectáculo inconfundivel da sahida dos barcos de pesca.

Ao longe, os seus quatorze ou dezeseis remos facilmente os conduzem rapidos pela superficie das aguas, que á distancia parece tranquilla como a de um lago. Eil-os, porém, a approximar-se da terra.



Clube de S. Nogueira

Uma peixeira



Clube de S. Nogueira

Barco de pesca, entrando no mar



Cidade de S. T. C. C. Na esquadria da igreja, à chegada dos cyrion

Começam as primeiras ondas a formar o seu dorso hercúleo, que só d'ahi a pouco se torce e quebra e desfaz em espuma. A primeira arremetida é violenta, mas não offerece perigo. Essa fragil casa de noz trepa facilmente ao pincaro da vaga, desce a sem obstáculo, avança, a força de remadas, até que outra se forme, galga-a rapida-

dorso o barquito e depoi-o gentilmente na areia, com um ar admirável de finura, de graça e de força.

Enusados, arquejantes, o suor a escorrer-lhes, os homens da companhia saltam a terra, e começam n'essa outra faina, não menos exhaustiva. O batel está enterrado na areia. E' forçoso arrancar o de lá. Vem as juntas de bois, que lhe são logo atreladas, às vezes quatro cinco e seis, sobre a areia vão lançando as traves de madeira, deitam os hombros ao barco, e com a tradicional gritaria, lá o vão arrancando até collocar o em ponto seguro.

Trabalho inaudito, esforço quasi sobrehumano!

Acercamo-nos todos do batel, avidos de saber como os pobres homens vão ser compensados d'esta rude faina. E quantas vezes nos invade uma consternação indizível ao ver que no fundo nem um peixe se lobra!

Um dia e uma noite no mar alto, uma lucta tremenda com o tempo feroz e a agua revolta, a morte em perspectiva, e no fim da batalha... nada, a miseria! Pobres pescadores! Quantas vezes este espectáculo nos constrange! Eu não cito aquellas em que, ao contrario, elles, e as mulheres que se abeiram logo da pesca, exultam e agradecem á Senhora da Nazareth, vendo saltar dentro do barco, o savel, a tainha, o carapau, o safio, a pescada, por ter feito com que a fortuna lhes entrasse n'esse dia em casa, por ter ouvido as orações com que ellas acompanhavam todos os dias os maridos e os filhos na sua ida para o mar, mais vezes terrível que generoso...

Dois ou trez saltam immediatamente para o barco. Vae começar o leilão. São os pregociros escolhidos. São elles que põem em praça



Cidade de S. T. C. C. Os barcos enfileiros

mente e vem caminhando sempre n'um movimento de febre. Começa agora o perigo, de que já dá signal, cá longe, na areia, por entre as larvaças em descanso, o alarido gritante das mulheres. «Nossa Senhora os salve! A virgem da Nazareth lhes accuda! Nossa Senhora por quem sois, valei-lhes! Ai, meu querido homem! Ai, filho! Senhora da Nazareth!»

E' que os pobres pescadores entram realmente na imminencia do perigo. E' ali que a onda se desfaz e encontra na sua queda a que recua como que espavorida de ter tentado salar do seu leito. E' no ponto onde se encontram estas forças contrarias que o risco existe. Se o choque é mais violento, o pobre barco, com toda a sua tripulação, dá voltas sobre si mesmo, e parece um brinquedo das ondas que o não submergem por um simples capricho da força omnipotente. Quantas vezes, o olhar fixo mas o coração opprimido, vendo esses homens rudes e miseraveis, apenas separados por um fio do abysmo hianite, elevar-se ao cume das ondas e descer n'um balouço formidável, n'um rodopio, n'uma vertigem, todos a gritarem pela Senhora da Nazareth, no momento em que o choro e o grito das mulheres augmenta e vihra na proporção do perigo, quantas vezes eu não sinto confranger se me a alma, vendo que pavoroso inferno, que batalha incruenta, e para muitos a vida!

Nesta altura o homem que dirige a pequenina embarcação tem de ser ao mesmo tempo general e piloto. Toda a arte, toda a sciencia consiste, permittam-me a phrase popular, em aguentar-se no balanco, atê lobia ao longe a onda salvadora, atê calcular a distancia em que ella venha amparar no seu

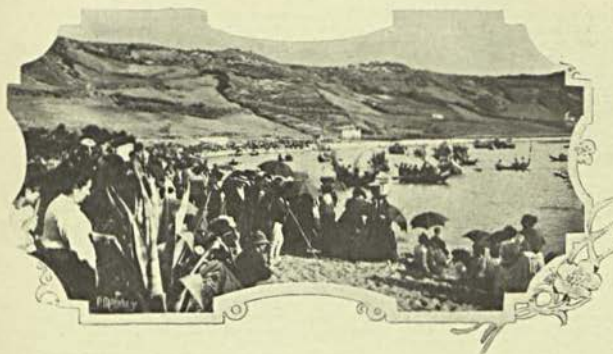
o peixe no meio de uma enorme concorrência de freguezes. D'ahi a pouco toda a pesca está vendida, e ali mesmo o producto d'ella é dividido pelos da companhia, que ainda não terminaram apesar d'isso a labuta d'esse dia. E preciso amanhã as alforrecas, as lagostas, cortar as pescadas em postas, preparar parte do peixe que acaba de ser arrematado.

E é só quando finda este trabalho á beira do mar, que elles reco-



Cidade de S. T. C. C. Egreja e Real Palacio do Sítio da Nazareth

Egreja e Real Palacio do Sítio da Nazareth



Cidade de S. T. Cyro

A regata em Alcôa—Vista geral

lhem ás suas humildes casitas, onde as mulheres ou as mães lhe tem já preparada a refeição luculliana que os farta e compensa das fadigas sofridas todo o dia e toda a noite.

Ao lado da Nazareth, S. Martinho do Porto, sobranceiro á praia, o Sitio. E tanto no Sitio como em S. Martinho, a serenidade, a placidez absoluta. De forma que a fera raivosa e espumante torce-se, esbraveja inutilmente, impotentemente, entre estas duas balizas, que com a sua mansidão eterna não conseguem tornar-lhe a fúria selvagem. S. Martinho dir-se-ia uma praia de convalescentes, tal é a serenidade.



Cidade de S. Beagosa

Durante a regata — Na praia

dade diaphana da sua bahia, apenas perturbada pelos rancos longinquos, tal é o silencio em que repousam as suas casitas estreitas e alegres. O Sitio, apenas quebra a sua habitual placidez, nos dias destinados ás festas de estrondo, que vem de longa data, e attrahe milhares de forasteiros. Cyrios, feira, touradas, fogos de vista, distrações populares de toda a ordem que nos meados de Setembro dão um movimento febril a esse lugar aprazível, cujo silencio até ali era apenas cortado pelos passos de algum raro amante do bello horrivel, que sobe o elevador, atravessa a Praça que a nossa gravura representa, e se dirige por estreitos escoregadios e atalhos escabrosos até á Gruta d'Orca, onde o mar do norte vem quebrar os seus impetos mais selvagens, com gritos e herros de leão indomito.

Mas nos dias de festa, mas nos dias da chegada dos cyrios! Como tudo muda, como se transforma o silencio de um anno n'uma bulha infernal de tres dias.

No largo alugam-se casas a forasteiros que querem commodamente assistir ás festas, os privilegiados assentam arraias no Palácio Real, ao lado da Egreja, e sob as suas janellas veem passar a multidão que fervilha, pittoresca nos trajos alegres das mulheres,

nos carapuços e nos varapaus, que, n'esses dias festivos e populares, marcam em abundancia o sexo forte.

Todo o largo tem um ar de arraial, as barracas armadas, as roletas baratas, os Pim-Pam-Pam, os carroceis, as pipas de vinho com os classicos picheis ao lado, o fogo preso occupando os intervallos disponiveis, as tabernas e restaurantes, dos lados da praça a trasbordarem de gente, o *Papo* que é um jogo ingenho mas ali muito em voga, os coretos onde as philharmoniccas da terra, de Olidos e de Porto de Moz disputam primazias, e ao fundo do scenario, rematando o quadro, esse espectáculo verdadeiramente pittoresco, da escadaria da egreja, apinhada de gente, que antes de tomar assento nos degraus, se acotovella, e pisa e empurra, e cae, e se levanta, para d'esse logar de honra aguardar a chegada dos cyrios.

Ao alto, o reverendo prior, revestido das insignias solemnes e acolytado por outros sacerdotes e sacristães, espera, de hyssope em punho, que as berlindas dos cyrios parem de fronte da Egreja, para lhes lançar a benção n'um latim que os anjitos não entendem, e de que se desforçam gritando as loas do estylo n'um portuguez esganado. E as musicas tocam hymnos festivos, enquanto os carros empicirados passam e dão tres voltas, e a onda de gente abre caminho,



Cidade de S. T. Cyro

O caminho das barracas

e o reverendo prior sobe de novo a escada que acaba de descer para abençoar o cyrio, até que a desça outra vez á chegada do de Moz, ou de qualquer outra terra devota, que faz todos os annos esta redemptora peregrinação á milagrosa Senhora da Nazareth, a que mais devotas, mais offertaes recebe e mais milagres faz.

JAYME VICTOR.



Cidade de S. Beagosa

Cavalleiros

## NOITE DE INVERNO

(Inédito)

Meia noite, de Julho. Aspero, o frio corta,  
faz tiritar a terra e tiritar o céu,  
e a natureza inteira é como a virgem morta,  
envolta em branco, enorme veu.

Pela estrada sem luz o silêncio tranqüilo...  
A ave as azas encolhe em seu ninho, a tremer.  
Que paz! Apenas se ouve o noctambuloso grilo  
na balsa trepido a gemer.

O pyrillampo e o mocho agora dormem. Sente  
a Vida a quietação de um longo descansar,  
e as estrelas estão no alem placidamente,  
placidamente a dormir.

Mas a calma feliz do universal repouso  
vem turvar um tropel, um rumor desigual:  
um cavalleiro surge, ao passo fastidioso  
de seu monotono animal.

Onde vae? Quem n'ô lança á inclemencia do  
frio?  
Tem acaso a aquecel o o amor, o eterno sol?  
— Gela. Entanguido jaz sob a neblina o rio,  
sob um alvissimo lençol.

Onde vae? Quem não goza o agasalhado  
quente,  
d'um abrigo qualquer n'esta noite polar?  
— Chora a planta de frio, e a lagrima silente  
desce do galho a gottejar.

Onde vae? Como é triste o jornadaear sosinho  
de uma noite de inverno á mudex tumular!  
As estrellas circunda um translucido ar-  
minho...

Frio no céu, na terra, no ar!

Tudo o que sente evita este vento impiedoso,  
da intemperie cruel o sinistro punhal,  
mas segue o cavalleiro ao passo fastidioso  
do seu monotono animal.

Segue. Na antemanhã apela á porta  
de isolada choupana... Escuta se um gemido,  
e uma voz que murmura.

Entra. Luz de candieia semi-morta  
lança ao tecto de palha enfusado, fendido,  
uma nuvem escura.

Magra mulher n'um catre se estortega  
na angustia do soffrer. Frios braços levanta,  
infeliz, tresvaria.

A dôr a torna louca, e surda e cega  
á falla amiga, ao som que tanta vez a encanta  
e as magoas lhe alivia.

E é por ver essa dor que grita e exora,  
a molestia a estorcer-se em leito de miseria,  
que, — com intimo orgulho! —,

um homem rompe pela treva afôra,  
ao frio, ao vento, á chuva, á solidão funerea  
d'esta noite de Julho.

Tanta gloria sonhou! Talvez sonhasse  
louros colher em popular comicio,  
governando a versatil multidão.  
Vel-a chorar, se a sua voz chorasse,  
e acclamal-o no triumpho tribunico  
um Mirabeau com alma de Catão.

Ou Mestre ser, Na cathedra domina  
a turba dos discipulos sequeiros  
do verbo que esclarece e que seduz.  
Elle a sciencia resume. Elle a illumina  
em seus vastos mysterios tenebrosos  
com borbotões de immorredoura luz.

Ou grande poeta. A sua musa arranca  
da lyra de ouro versos diamantinos  
de seductora inspiração genial.  
Alma escolhida, castamente branca,  
espera a morte ao fim dos seus destinos  
para ter o baptismo de immortal.

Tanto sonhou! Nem goza as alegrias  
meigas de uma existência, que conforta  
o carinho da bençã popular.  
Sacerdote do Amor, passa os seus dias  
vida e alívio a levar, de porta em porta,  
á gente inculta que o não sabe amar.

Mas se é feliz! Ao sol, ao frio exposto,  
contempla a natureza que o circunda,  
virgem e nua, lubrica e pagan.  
Que distincto prazer, que intenso gosto  
sentir da matta na amplitude profunda  
a explosão luminosa da manhã!

Vencer, calado e só, leguas e leguas,  
mas n'um tacito dialogo embebido,  
ouvindo a estrella, interrogando a flor...  
Paz ás tristezas, ás angustias treguas,  
se alguém expande o coração ferido  
á eterna fonte do eternal amor.

Segue contente, perlustrando estradas,  
pensa o ferido, o moribundo escuta,  
nem lhe pede uma esperança em vão...  
Que valem tantas illusões sonhadas?!  
Viva o espirito acima, alheio á lucta,  
semie a esmola da consolação!

Brasil, 1899.

ALCIDES FLAVIO.

## ENI FOCO



Conde de Figueirêdo  
(RIO DE JANEIRO)



Conde de Burnay  
(LISBOA)

## O CYSNE

Poesia de: Luiz Guimarães

Musica de: Oscar da Silva

**Canto** *Devagar e esprezando*

**Piano** *mf cantando* *cres.* *partes da volta* *dim* *atras pouco*

Su... a ni...vea for... mu...su...ra En...can...ta lan...gui...da men...te

*p* *delicadissimo* *refardando* *muito*

Como cys... ne... sa cor...ren...te Ma...ci...a on...du...lan...te

*ppp* *ppp* *refardando* *muito*

*um pouco mais depressa (com amor)*

pu...ra Seu... la...bio já...mais mur...rau...ra, E o seu re...

*campo* *cres.* *Devagar suave*

ga...ço in...do...len...te Pal...pi...ta a...mo...sa men...te, Oh Deus! Como se pul...tura

*apressando*

E quan... do min...ha alma an...cio...sa Cul...da que vae

*suave* *cres. e*

*cres. e apressando* *dim. e atras muito suave*

es...cu...tar U...na...la...vra a...mo...ro...za:

*apressando* *dim.* *ppp* *ppp* *apressando*

A For... mu...su...ra sem par Des...li...za si...len...ci...o...sa Bem como um girasol luar

*dim.* *ppp* *ppp* *apressando* *ppp*

*f* *Mung. des.*

## O ANTI-SEMITISMO



Anselmo Vieira

É um facto digno da analyse do sociologo a luta que, já sem reboço e ás escancaras, se está travando na Europa, e principalmente nos povos slaves e germanicos, contra os representantes da raça semitica. Parecia que a irradiação dos principios impulsivos da revolução franceza faria convellir integralmente os erros e os prejuizos do passado, em nome dos quaes se perseguia o representante d'uma raça ou o proselyto d'uma crença.

A grande enfermidade social — que outra coisa não é este tremendo, e por vezes sangrento, antagonismo entre homens de raças diversas e de convicções oppostas —, deveria

ter desaparecido de todo, ao morrer, com a afirmativa da liberdade, a novicia evangelização da intolerancia. Durante seculos, foram os semitas perseguidos em nome d'uma religião, cuja base fundamental e esplendensimo código pregavam, em de synthese toda a sua grande obra, a mais ampla fraternidade humana. Aoavez d'esse amor universal, que um semita, embora divino, sellou nas paginas de todos os codigos e abria na consciencia de todos os homens, explodiu o odio, derruindo em suas deflagrações principios de organizações sociais, que muito conviria ter impulsado.

Podemus, na historia do nosso país, encontrar a flux exemplos, que nos ajudem a comprobar o que deixamos dito. A intolerancia religiosa dos seculos XI a XVI foi a causa de muitas crises economicas, de que enfiaram alguns povos europeus.

E afinal, entao, como hoje, a raça semitica era a mantenedora das riquezas, porque era ella tambem o symbolo da perseverança no trabalho. Nem de outra fórma se explica o seu grande poder economico, que nenhum principio scientifico autorisa a attribuir a caracteres espeziaes dos judeus ou dos arabes. Nenhum typo humano, nenhum typo de raça teria podido nascer com a paixão do lucro.

Encarando, no seu conjunto, a evolução dos semitas, sobretudo na antiguidade, é certo que os encontramos de preferencia entregues ao commercio e ás especulações mercantiles; mas este pendor especial é o resultado de circumstancias tambem espeziaes.

O habitat d'essa raça, n'uma região difficil de transpôr, situada entre a Asia e a Europa, podendo servir de ponto de união ou de afastamento entre a Asia Menor, a Persia e o Egypto, foi talvez, como o affirmava Letourneau, uma causa poderosa para a formação do caracter especial dos emigrados da Arabia. O auxilio dos semitas nomadas era indispensavel para as caravanas mercantes, que se aventuravam a ir até ás balizas da Mesopotamia ou ás orlas do Erythreu. Foi assim que esta raça activa, industrial e trabalhadora fez a sua educação commercial, e isto durante seculos, ou talvez durante milhares de annos.

N'esta educação, que a caracterisou através das edades, se originou tambem, a um tempo, uma causa de superioridade e de perseguição, violenta e até feroz, que mal se harmonisa com a sobriedade e amor ao trabalho, de que os semitas dão sobejas provas, e peior se defende á luz das empolgantes theorias de fraternidade humana e de paz universal, com que tanto pretende engrandecer-se o nosso seculo.

Detestados na antiguidade oriental pelos egypcios, e victimas mais tarde do desfavor dos romanos, os judeus foram collocados n'um plano secundario pelo christianismo triumphante. Não os opprimiu pela violencia, nos primeiros seculos da nossa era; mas excluiu-os das funções officiaes, e deu-lhes nas esphasas do direito e na organização social logar á parte. Se occupavam assim uma situação inferior na ordem juridica da sociedade, tinham, contudo, a vanguarda nas relações economicas e até na ordem intellectual. Nabobs, Marsabas, Arles, Genova, Napoles, Palermo, etc., eram centros commerciaes, d'onde elles circulavam e viajavam para todos os países, nos quaes tinham correspondentes, correligionarios seus, que executavam fielmente as ordens transmittidas pelos seus sectarios.

A homérica luta das raças, que explode com a invasão dos barbaros, e se accia com a fundação dos seus reinos, iniciou, a bem dizer, a época das violencias contra o semitismo, violencias que até certo ponto tinham por causa a hegemonia, que a raça judaica assumira sobre os demais povos. Logo no VII seculo se estabeleceu, em França, uma energia corrente a favor do baptismo obrigatorio dos israelitas. Pela mesma época, o concilio de Toledo prohibiu-lhes alianças e commercio com os christãos, e compelliu-os a baptisarem-se. A perseguição, em alguns tempos e povos, minorava-se por vezes, mercê das riquezas, de que os judeus dispunham, e da sua assombrosa actividade commercial, de que foram particularmente testemunhos, além das cidades já referidas, Veneza, Languedoc, Navarra, Provença e em geral o sul da França, onde elles dominaram, sem estorvos, até ás proscripções de Filipe o Belo.

E foi o christianismo quem mais preparou semelhante situação especial, cheia de grandeza monetaria, de que os semitas se aproveitaram. Sublimando a pobreza e prohibindo aos crentes do Evangelho o empréstimo dinheiro a juro, a Igreja criou a favor dos semitas um

monopolio, que se tornou a base do odio, de que foram alvos. Nem os poupou a propria Inglaterra, que, no dizer do douto historiador W. Newbury, considerava os judeus usurarios reaes, moveis pertencentes ao rei, e onde a fortuna d'elles chegou a ser opulensissima. Foi barbara nas carnificinas de York, em 1190, e mais tarde expulsou-os de todo, até que uma época de tolerancia e liberdade alli lhes deu novamente possadoiro.

Entretanto, de quantas injustiças não tem sido victimas os infortunados filhos da Arabia! Nem a geração moderna, agitada ao soporo da ardente utopia da fraternidade, que quer fazer do mundo uma só patria e da humanidade uma só familia, nem esta mesma geração deu ainda cabal reparo ás injustiças do passado!

Se por um momento pareceu que o espirito de tolerancia, conjugado com o enfraquecimento do sentimento religioso, fazendo cessar as perseguições, vinha oferecer condigna reparação aos judeus pelas grandes injustiças, de que no passado tinham sido victimas, a illusão não durou muito tempo. A intolerancia religiosa succedeu a intolerancia politica ou antes economica; e o anti-judaismo que escreveu paginas horrosoras, na sua historia, com as leis de 31 de março de 1492, expulsando de Hespanha todos os judeus não convertidos, e de 31 de julho do mesmo anno, ferindo com pena de morte não só os judeus que desobedecessem, mas ainda os christãos que lhes dessem guarda; o anti-judaismo que em Portugal preparou e realisoou a tragedia de 15 de abril de 1506, saqueando e queimando os christão novos, n'um delirio de sangue, proprio d'um bando de canibais, delirio que, na phrase de Herculan, nem com o repouso da noite se desvanecia; o anti-judaismo que, preparando a revogação do Editto de Nantes, fez debilitar a economia da França em proveito da Inglaterra e da Alemanha, prepara n'este momento novas luctas, que se apoiam tanto na differença de raças, religiões, usos e costumes, como na guerra sem treguas que as variadas escolas socialistas decretaram ao capital.

Deve-se principalmente á Alemanha esta recente cruzada, que Bismarck promoveu, depois de 1870, comprehendendo que as grandes contendas dos povos tinham de ferir-se agora no campo da economia. Sem querer trazer abertamente para a arena religiosa a questão dos judeus, incumbiu o pastor Stocker de crear uma nova theoria, cuja doutrina é, contudo, bastante velha, que se denominou — anti-semitismo.

A politica de Bismarck, pregando a guerra aos proselytos do judaismo, visava particularmente a França e a Russia. Alexandre II tinha dado uma organização extavel ao seu vastissimo imperio; unificara o pelas leis organicas, dotando com propriedades 80 por 100 dos habitantes da Russia, o trar tinha obstado a toda a tentativa de revolução social. Bismarck, ou melhor, a politica allemã comprehendeu que, só atendo o anti-judaismo, poderia abalar a harmonia e a ordem no imperio moscovita; e tanto mais um tal facto se impunha á comprehensão d'essa politica, quanto é certo que, como diz Chmerkin no seu excellente trabalho sobre as consequencias do anti-semitismo na Russia, em todos os períodos de revoluções, desde a revolução de 1848, os judeus, nação do mundo sempre que se passa d'uma época a outra, d'um estado a outro, o anti-judaismo apparece ou explode com uma nova força.

Assim, n'esta época em que as questões sociais revestem de preferencia um caracter economico, explodiu novamente a questão dos judeus, transportada d'um terreno religioso para um campo economico-social. Mal disfarçada, a luta que o socialismo, mormente o collectivismo, tem travado contra os judeus, deixa transparecer, contudo, na essencia a guerra ao capital. Perseguem-nos e combatem-nos, mas não é o proselyto d'uma seita religiosa, que se alveja; é antes uma força social, que se quer annihilar.

Expulsam-nos d'algumas cidades, submettem-nos a leis de excepção; e, todavia, ninguém pôde deixar de confessar que o centro que elles abandonam, começa a definir mais ou menos lentamente, consoante a maior ou menor influencia economica, que elles alli exerciam.

A Russia já pôde dizer quanto lhe tem custado a expulsão dos judeus de alguns dos seus governos, onde, graças ao reinado benéfico de Alexandre II, despenhavam a dupla função de intermediarios do commercio e do credito. Nem a má vontade de Alexandre III pôde deixar de reconhecer os desastrosos effeitos d'essa proscripção imprevidente, confrontando o estado de relativa prosperidade do governo de Kherson, por exemplo, d'onde não tinham sido expulsos os judeus, com a miseria geral das regiões, que elles foram compellidos a abandonar.

Pôde decretar-se e fazer-se energica propaganda contra os semitas, que, não julgando nem a França, israelitas e judeus, conservam pelo trabalho e perseverança a posse das riquezas; mas o que é incontravos, porque a historia o attesta, é que o exodo dos representantes d'essa raça especial traduz-se por uma crise tremenda na economia do povo, que elles abandonam, a que se segue de ordinario uma aniquilação de difficil remedio.

Assim o verificou Alexandre III na Russia; e só depois da grande fome, por que passou o imperio moscovita, é que o imperador, prematuramente arreando ao throno, compreendeu a revolta contra as desastrosas consequencias dos ukases contra os judeus, embora tais leis tivessem o caracter de transitorias. Suspende então, 1893, as perseguições contra os semitas, mas as consequencias dos ukases de excepção permanecem.

A Alemanha, que tanto ganhou com a sahida dos judeus da França e dos estados catholicos, apesar d'isso, deixa promanar do seu seio a mais ardente campanha contra os semitas da actualidade, e accompanha todo o movimento de protesto de revolta contra as desastrosas applicações das leis de excepção, que o anti-semitismo adrede impõe, mais do que em nome da justiça, em obediencia á mesma avidez, de que são accusados os israelitas.

Debatem-se a Austria e a Hungria em crises violentas e intestinas, e a essas luctas não é estranho o anti-semitismo; antes as impelle e avigora, para expulsar do seu seio os possuidores das riquezas.

A Romania, apesar do tratado de Berlim, pelo artigo 44, ter garantido á população judaica d'esse paiz os mesmos direitos dos outros habitantes, sem distincção de culto ou de nacionalidade, condição indispensavel, sem a qual não seria reconhecida estado independente, é tambem theatro de scenas lamentaveis e selvagens, que as predicas inflammadas contra os judeus assolam e virilizam.

E depois, quando se ouvem os hymnos acclamatorios da liberdade e da tolerancia; quando se lêem as paginas fogosas e palpitantes de enthusiasmo e calor dos evangelizadores dos immortaes principios, que deviam ter radicado na consciencia do homem a solemne convicção da sua dignidade e do seu direito a ser livre, é que mais surpreheende e revolta esta luta ingloria, que é de facto a negação absoluta e palpavel de tudo quanto as lucilantes theorias de liberdade, fraternidade e equaldade tecem querido assentar como base fundamental das modernas sociedades.

Então o nosso espirito interroga-se naturalmente: — mas porque esta luta, que a razão reflectida repugna e a consciencia sã repelle, contra os representantes d'uma seita, que, através de todas as provações e ainda nas angustias mais supremas, permanecem inflexos e firmes na sua crença e nos seus principios?

Talvez a verdadeira causa tenha sido entrevista pelo ministro de instrucção publica da Romania, Carp, quando, em 1875, discutia acaloradamente esta apaixonada questão. Pelas 3 horas da manhã, tinha elle sahido d'uma sessão, em que a questão judaica havia fatigado os defensores do judaismo e os anti-semitas.

Carp defendera os judeus com a pujança excepcional do seu vasto talento. Nada conseguira.

Quando se dirigia para casa, em companhia de alguns dos seus contadores, viu que um pobre judeu, aquella hora, trabalhava ainda em sua casa, no seu mister: ao mesmo tempo, passavam uns operarios romanos, aquecidos pelo vinho, entoando canções patrióticas. Carp voltou-se então para os seus adversarios, e disse-lhes: «Eis a questão judaica. Quereis lutar victoriosamente contra os judeus? Sêde, como elles, trabalhadores, sobrios, economicos, e nada tercis a recear. É na concorrência do trabalho que está a solução da questão judaica.»

Afigura-se-me que Carp disse uma grande verdade.

ANSELMO VIEIRA.

## Eduardo Gonçalves Ribeiro, o «Pensador»



Um dos homens que mais se tem salientado no Norte do Brasil é o *Pensador*, nome que lhe ficou do jornal de combate *O Pensador*, por elle fundado no Ceará, e em que scintillantemente collaboraram Pedro Freire e Manuel Bitencourt. O *Brasil-Portugal* regista nas suas paginas o nome de Eduardo Gonçalves Ribeiro, nome que passará vinculado á historia recente do Amazonas, o estado da grande Republica americana que caminha a passos rapidos para a vanguarda da civilização. E é curta a vida

d'este homem tão modesto no trato, tão modesto pela origem e tão grande pelo coração, pela bondade e pelo amor que consagra ao seu berço adoptivo — Manaus.

Um titulo de gloria cada um dos capitulos d'essa vida, começada no Maranhão. Traça-se em poucas palavras, simples como elle e como a simplicidade do seu nascimento. Filho do povo e pobre, a sua ancia de saber e de trepar levou-o ao Ceará, onde sentou praça na Escola Militar. Dados os primeiros passos no caminho do estado, partiu para o Rio de Janeiro e ali, com a sua vontade de ferro e uma energia sem desfalhecimentos, illustrou o seu espirito, e logrou, dando lições, formar-se em sciencias physicas e mathematicas. Anos depois a Escola Militar do Ceará contava-o no numero dos seus leites. Mas o Ceará era pequeno demais para que se desenvolvesse o germen da sua actividade, e então subiu o Amazonas que por essa epocha começava a despertar do lethargo de muitos annos.

Eduardo Ribeiro entrou com o pé direito na pequena povoação de Manaus e desde logo phantasia transformou-a n'uma grande cidade. Reconhecida a sua cultura intellectual e o alcance pratico da sua iniciativa, um bello dia o povo aclamou-o governador do Estado, e mais tarde foi officialmente eleito. Sela annos bastaram para realizar o seu grandioso projecto. Vieram os melho-

ramentos matizes, fez-se o plano, e traçou-se logo, de uma cidade nova, que em menos de tres lustros será a primeira talvez do Norte, desenvolveu-se o commercio, eraram-se escolas, facilitou-se a navegação, e o grande Estado até então perdido nas solidões amazonenses começou a avultar pela sua florescencia e pelas suas riquezas naturaes e inexauriveis.

O *Pensador* não foi, porém, só um reformador e um propulsor do movimento tão rapidamente operado. Foi um paé. Fez muito pela humanidade. Fez mais pela caridade. O seu nome fica sobretudo ligado á gratidão das pequeninas orphãs para quem mandou edificar o Instituto *Benjamin Constant*, o asylo modelo em que soubou crear caracteres honestos, a escola protectora e pratica de onde saíram as mulheres de amanhã e porventura vocações artisticas.

O *Brasil-Portugal* exulta por poder prestar esta modesta homenagem ao illustre brasileiro honra e gloria do jornalismo do seu paiz, glorioso typo d'uma raça emprendedora e activa.

## Quando eu sonhava

Quando eu sonhava, era assim  
Que nos meus sonhos a via;  
E era assim que me fugia,  
Apenas eu despertava,  
Essa imagem fugidia  
Que nunca pude alcançar.

Agora que estou desperto,  
Agora a vejo fixar...  
Para quê? — Quando era vaga,  
Uma ideia, um pensamento,  
Um raio de estrella incerto  
No immenso firmamento,  
Um chymera, um vão sonho,  
Eu sonhava — mas vivia:  
Prazer não sabia o que era,  
Mas dór, não n'a conhecia...

ALMEIDA GARRETT.



Instituto Benjamin Constant

# O presidente da Republica Argentina no Brasil



Clôth de João Mendes (Rio de Janeiro)

Os presidentes Campos Salles e general Roca rodeados das pessoas que os acompanharam ao Corcovado

**P**UBLICAMOS hoje mais algumas interessantes gravuras relativas á visita do illustre general Roca ao Brasil.

Essa visita que demonstra quanto são amigáveis as relações entre as duas grandes republicas sud-americanas, ambas amando a liberdade, ambas procurando expandir por todo o mundo a fama e a gloria do seu progresso e da sua civilisação, — essa visita ficará sendo para toda a America, um dos factos mais importantes d'este findar de seculo.

Em seguida publicamos a biographia do general Roca, e por ella verão os leitores, quanto é gloriosa a vida d'esse homem illustre que todo o Brasil saudou com enthusiasmo, com carinho.

Julio Argentino Roca, filho do coronel D. José Segundo Roca e de D. Agustina Paz, nasceu na cidade de Tucuman, no dia 17 de julho de 1843.

Seu pae fôra um bravo guerreiro dos tempos da independencia e participou dos louros dos vencedores de Pasco, Pichincha e Junin. Sua mãe, senhora virtuosissima, pertencia a uma das mais distintas familias da sociedade argentina.

Em 1858 matriculou-se na Escola Militar, que acabava de fundar-se, e alli fez os seus estudos, interrompendo-os pela primeira vez quando em 1859 estalou a guerra entre a Confederação e o Estado de Buenos Ayres.

Julio Roca acompanhou o general Urquiza, cheio de ardor patriótico, arrastado pela força do dever e compensando na coragem, o que lhe faltava nos conhecimentos da arte militar.

Foi no Rosario que o joven militar recebeu o seu baptismo de fogo.

Concluida a campanha na batalha de Cepeda a 23 de outubro de 1859, tornou Roca aos estudos escolares, que d'ahi a dois annos teve de suspender novamente para tomar parte na guerra civil que rompera pela segunda vez entre o Estado de Buenos Ayres e a Confederação. A jornada de Pavon viu-o na fileira dos mais bravos combatentes. Esse combate, decisivo como foi, e dando ao Estado de Buenos Ayres a hegemonia sobre as provincias confederadas, trouxe a victoria de Bartholomeu Mitre e a subsequente dissolução do exercito vencido.

Julio Roca passou então para Buenos Ayres. Pouco depois era já designado para secretario da missão do Dr. Marcos Paz, interventor nas provincias do norte. Ao concluir-se esta missão, voltou ao serviço militar como tenente do 6.º batalhão de infantaria, tendo occasião de distinguir-se em expedições de que fez parte.

Estava nas fronteiras de Mendoza, quando rompeu a campanha de Paraguay, em que o Brasil teve por alliados a Republica Argentina e o Uruguay contra o dictador Solano Lopez.

O tenente Roca entrou na lucta e a sua coragem brilhou como a de poucos, em muitos d'esses gloriosos combates.

Mal terminára a guerra de Paraguay, rebentava a revolta de Entre-Rios, como consequencia dos successos que se seguiram ao assassinato do general Urquiza.

Desde então, até assumir a pasta da guerra, o actual presidente da Republica Argentina, tomou parte, em nome da ordem e da legalidade, em todas as luctas que se deram nos Estados. Estava commandando as praças das fronteiras de Cuyo, quando foi chamado a substituir Alsina, que acabava de morrer, nas funções de ministro da guerra.



No alto do Corcovado

Clôth de J. Mendes

Como ministro da guerra, o general Roca realizou com extraordinária pericia o ideal havia ha muito sonhado pelo patriotismo argentino: estendeu as fronteiras da Republica até o Rio Negro, em cujas margens estabeleceu definitivamente o dominio civilizador das armas nacionais.

A conquista do Pampa é uma pagina gloriosa que a historia registrará para sempre.

Taes serviços á patria, taes qualidades de militar e de politico, estavam-n'o de ha muito indicando para occupar o alto posto que hoje occupa.

Candidato á presidencia da Republica para o periodo de 1890 — 96, foi eleito e tomou posse do cargo a 12 de outubro de 1890.

O seu governo coincidiu com o estancamento desenvolvimento da Argentina, e fôra injusta não designar-o como uma das causas efficientes d'esse progresso. Em 1896 deixou o poder com o mesmo nome immaculado com que para elle entrara, cercado de renome, honrado com a estima de seus concidadãos e com o respeito dos proprios adversarios politicos.

Chefe de um grande partido politico, e possuindo qualidades eminentes de estadista, fôra do governo não fez senão augmentar a sua popularidade. De

1896 a 1908 o general Roca continuou a exercer influencia notavel nos acontecimentos de seu país, não lhe consentindo este a realisação de um desejo que manifestou em 1903: o de recolher-se inteiramente á vida privada.

Em 1895, por molesta do presidente Uriburu, assumiu elle interinamente a presidencia da Republica.

Em 1898 era reeleito para o alto e honroso cargo, e todo leva a crer que a sua posição se prolongará até ao fim do mandado e a nova eleição.

Tal é a biographia do illustre politico, do corajoso militar que o povo brasileiro ha pouco mudos como chefe d'uma nação amiga e estreitamente ligada á sua.

A indole d'esta Revista não permite circunstanciada noticia das brilhantissimas festas com que foi acolhido no Rio de Janeiro o eminente estadista que está á frente do governo da Republica Argentina.

Publicando estas interessantes illustrações, o *Brasil-Portugal* pretende apenas que, em gravura, fiquem como recordações d'uma festa tão significativa e tão grata a todos os brasileiros e a todos os argentinos, as figuras eminentes do dr. Campos Salles, o illustre presidente dos Estados Unidos do Brasil, do general Roca, o illustre estadista e valente militar, e as de todos os homens illustres que os acompanharam n'essas festas.



No Arsenal da Marinha

Cliché de J. Mendes

E como recordação também transcrevemos os ultimos brinches que a bordo do *San Martin*, antes da partida, se trocaram entre os dois presidentes.

Disse o sr. Campos Salles:

«Sr. general. — Tenho a satisfação de reiterar a V. Ex.ª os mais sinceros agradecimentos da nação brasileira pela honra da sua visita.

A distincção que lhe conferiu V. Ex.ª nunca será esquecida, porque a sympathia e o respeito que ao governo federal mereceu a pessoa de V. Ex.ª são geralmente partilhados pelo povo brasileiro, que durante a sua curta permanencia n'esta capital, sem reservas nem interesses, teve ensejo de acclamar com carinho e enthusiasmo o supremo magistrado da nobre nação argentina, cuja amizade é preciosa para o Brasil e constitue mais uma garantia para a grandeza, o progresso e o socorro de toda a familia americana.

Os destinos das duas Republicas, irmanados na mesma aspiração de ordem, de trabalho e de franca solidariedade, completam tão alviantado anseio.

Os meus votos são pela felicidade pessoal de V. Ex.ª e pela crescente prosperidade da Republica Argentina.»

A que respondeu o general Roca, nas seguintes palavras:

«Aceptad, señor presidente de los Estados Unidos del Brasil, la expresión de mis mejores sentimientos de gratitud por la espléndida acogida y la generosa hospitalidad que tanto vuestro gobierno como el pueblo de Rio de Janeiro me han dispensado. Mi país ha recibido con júbilo los ecos de todas las demostraciones de amistad y de simpatía que le habeis hecho en mi persona y que sellan hermosamente la intimidad de estos dos pueblos, cuyos intereses respectivos los aproximan y cuyos destinos se confunden en una misma aspiración de paz, de progreso y de franca solidaridad. Llevo la satisfacción que corresponde á los resultados de mi visita, manifestación de una verdadera alianza moral, afirmada en los sentimientos y en la conciencia de una y otra nación,—y es baja esas impresiones que saludo, en el momento de la partida, íntimamente reconocido á S. Ex.ª el señor presidente, mi colega y mi amigo, y á la gran Republica que tan acertadamente gobierna.»



Grupo tirado no passeio ao Jardim Botânico

Cliché de J. Mendes



Grupo de convidados do almôço da Escola do Exército, na ilha das Enxadas

## Martyr Margarida



omo ella o amava!... Dir-se-ia uma allucinação esse affecto poderosissimo que se aninhára no coração de Margarida.

Horas e horas passava absorta, esquecida no silencio da sala de visitas, onde só o tac... tac... compassado e monotono do relógio marcava a minutos a extensão d'essa dor profundissima que lhe minava a alma. As vezes, Margarida, cheia de magua, triste, tomada de uma abstracção ferina, dirigia-se a sós para o fundo do jardim, e respirando o ar sadio que se filtrava puro pelas folhagens dos arvores sombrios, parecia buscar um conforto consolador a fúndia ferida dolorosa que em sua alma immaculada sanguejava. Outras vezes, no recondito dos seus aposentos, sentia, apprehensiva e pensante, a floreação de sua carnção juvenil e alvadia revoltar-se contra a maldita enfermidade que anniquilava o unico ser a quem ella amava e a quem desejava offerecer aquellos thesouros todos, de encantos e gosos desconfhecidos. E procurando soffocar a dolorosa amargura que lhe ia na alma, deixava as lagrimas sulcarem lhe as pallidas faces.

— Que tens filha? perguntava-lhe o pae. Soffres?

— Que não, que não tinha nada, respondia, beijando-lhe e acariciando-lhe as mãos tremulas e rugosas.

— Nada... como? E essas lagrimas? E essa terrivel mudança que se faz em ti?

— Que nada sentia, nada necessitava, murmurava soluçando.

No entanto o seu physico mudava: o rosto, d'antes cheio e rosado, estava cavado, pallido e emmagrecido; os olhos vivos e alegres estavam sem brilho, amortecidos, encovados...

Margarida soffria. Os medicos eram inuteis, não podiam cural-a. Amava loucamente, ardentemente; e o objecto fervoroso d'esse amor — o joven Odmár — estava prestes a cahir inerte, frio, no fundo escuro e triste de uma sepultura estreita. Nunca o amára tanto; nunca o seu amor, immenso amor de virgem, se manifestára mais pujante de sonhos, de carinhos adoráveis e promettimentos do futuro, como depois que o vira assim tombado e quasi morto.

Durante as noites, longas noites de vigília, immersa na profunda agonia que a anniquilava, perguntava a Deus porque lh'o queria arrebatár, arrancar de junto a si aquelle em quem ella havia concentrado todo o seu infinito amor, os seus sonhos todos, as suas esperanças e felicidade?! O silencio que lhe cercava o leito de dor amedrontava-a. Soffria, soffria muito. As vezes, no silencio da noite, eternas noites dolorosas, os gemidos de Odmár chegavam-lhe aos ouvidos como o ultimo exterior de um moribundo. Choras, mal podendo supportar a grandeza da dor que a opprimia, ella prostrava-se de joelhos, supplicava, lacrimosa, aos pés da pallida imagem do Christo: — O' Deus, deixa m'o, deixa m'o pelo teu immenso amor! Sob as azas, pandas azas protectoras e alvadias do meu eterno amor, ainda poderás ter a felicidade, o goso, a vida inebriante dos carinhos. Attende, ó Grande Mestre, eu viverei por elle e para elle. Se m'o roubas, morreréi tambem. Oh! não queiras fazer-me tua victima. Tu que és bom, que és misericordioso...

la-se, porém, agravando o estado de Odmár. Rodeavam todos a cabeceira do enfermo.

Reinava no aposento um silencio religioso, silencio de tumulo.

A desventurada Margarida, proxima ao leito de Odmár, com os olhos baixos, marejados de lagrimas, toda concentrada em dolorosa

meditação, deixava ouvir de vez em quando um profundo suspiro que lhe sabia da alma oppressa pelo peso do infortunio.

O corpo emmagrecido e debil do doente jazia quasi inerte.

Palpebras cerradas, cabeça pousada no travesseiro, assim parecia tranquillo, gosando a confortativa e doce placidez do somno.

De repente, n'uma subita agitação, ergueu-se no leito, como se n'aquella occasião houvesse recobrado todas as forças perdidas e circumvolveu o quarto todo com um olhar em brazas.

— Margarida, minha adorada noiva!... Choras? Porque? Como me martyrisas tuas lagrimas impiedosas?... Não tenho mais forças para enxugar-as, mas... aproxima te!... Sinto que vou morrer...

E n'um arranco energico, ergueu-se mais, aconchegou ao peito arfante a cabeça alourada de Margarida e disse-lhe a ciciar:

— Não posso mais enxugar as tuas lagrimas, Margarida, posso... porém seccal-as com os meus labios em fogo.

E beijou-a nos olhos! Fitou-a depois, com amor; com desespero, louco, inebriando-se na rara formosura d'essa mulher divina, que elle amava até ao delirio. Subitamente, porém, a luz dos olhos se lhe apagou, um ultimo extertor movimentou-lhe o corpo e elle cahiu emgelado... examine, morto.

Logo depois da morte do Odmár a apaixonada Margarida cahiu n'um estado de delirio assustador. Emmudeceu: aridos os labios, nem mais o murmuro suave de sua voz, nem mais um soluço dorido, nem mais uma lagrima, quente... impiedosa. Triste, muito triste... Não chorava, vivia torpida, esquecida da vida, do mundo... Delinhava.

Não havia mais uma sombra da sua basta cabeleira loura; os séios mirrados como flores estioladas haviam perdido a rigidez, o retezamento, a suave macieza velludina das cousas virgens. Os bicos que pompeavam-se erectos, roseos, haviam emmaciados, murchado como um botão de rosa vergastado pelo vento rijo e esfuizante. Os olhos haviam perdido a luz: estavam seccos, sem brilho, immoveis. Apenas nas faces duas rosas sobressahiam na macieza da epiderme.

Uma tosse secca, ferina, acabrunhante, a perseguia constantemente, annidadamente.

Desce a noite, profunda noite amargurada. Margarida mal podia supportar a dor immensa, a saudade funda que a flagellava.

Ergue-se do leito, flaccido e morno e, certa de que estava só, de que ninguém a via, desceu rapidamente a escada e fugiu pela rua fora, dirigiu-se ao cemiterio. Parou ao limiar do portão fechado e negro.

Depois, esgueirando-se, passou o corpo esquelético e mirrado entre as grades de ferro e caminhou de cruz em cruz, de tumulo em tumulo, a balbuciar o nome de Odmár, n'um murmuro de voz ciciante, apagado quasi.

— Ah! sim. E' aqui! E' aqui! E' aqui que repousas.

E fitando a lousa, com a fixidez desolante das loucas, n'uma immobildade de estatua, hirta, soluçou.

Reclinou-se depois sobre a sepultura; e supplicava, amorosa:

— Dá-me, dá-me o coração! Tu m'o roubaste, Odmár. Eu quero viver! Não sabes tu que o coração é a vida? Que n'esse preciosissimo escriptorio o amor reside? Dá-m'o, dá-m'o. Eu não quero morrer. A morte é triste... Eu quero amar! e sem coração não se ama e sem amor não se vive.

Subitamente, porém perdendo a calma, tremula, offegante, arrancando os cabelos, n'um arranco violento, precipitou-se sobre a lousa branca como que querendo afundar-se pela terra dentro.

— Tu não m'o dás? Tu não m'o dás? Pois eu vou arrancar-t'o.

# A missão de S. José de Boroma



Egreja e casa da missão

A missão de S. José de Boroma, fundada ha uns 14 annos pelos padres jesuitas da Zambesia, está situada no prazo Boroma na margem direita do Zambese, quatro horas a montante da villa de Tete, na base da serra Nhacindi e sobre a margem esquerda do riacho geralmente secco de Mutatasi afluente do grande rio. O logar é extremamente pittoresco, de alegre e formoso aspecto, e assenta em fôrtes terrenos, não longe de abundantes pedreiras de jaspe de que se fabrica optima cal.

Tivemos em Novembro de 1888 occasião de visitar esta humilde mas esperançosa missão, então de recente fundação, e fizemol-o muito agradavelmente em companhia do seu benemerito, illustre e infatigavel fundador o Rev. Padre Victor José Courtois.

As casas de habitação, egreja, escolas, dormitorios, celeiros e outras officinas, cujo conjunto é representado pelo modesto desenho que vas junto, tinham a esse tempo um aspecto um tanto provisório, mas estavam em um irreprehensivel estado de acção e ordem e respiravam um ar de socego e confiança que faziam o seu maior elogio. E com effeito, — justo é dizel-o aqui e é com muito gosto que o fazemos, — notando-se em todos aquelles paizes n'essa occasião grande falta de segurança, proveniente da malefica influencia dilatada pelos rebeldes de Massangano e da Makanga, que traziam agitados e em sobresalto as duas margens do rio, tal era a pacifica serenidade que da missão de Boroma irradiava, e tal o respeito que ao gentio turbulento inspiravam os seus valentes dirigentes, que, apesar da sua absoluta falta de meios de defeza, nunca elles foram desatendidos pelos mais ousados. A missão de Boroma era então e é cada vez mais um centro de poderosa influencia christã e portugueza e um baluarte efficacissimo para manter o nosso prestigio n'aquelle sertão.

Já na occasião d'essa nossa visita ficámos agradavelmente surprehendidos com o resultado admiravel tirado pelos Padres e seus auxiliares, a despeito das invejas e malquerenças com que por vezes os perseguiram alguns moradores do districto. Aqui mencionaremos com o justo galardão do nosso reconhecimento pessoal, os nomes dos heróicos e desinteressadissimos obreiros da civilisação que então ali nos receberam na missão de S. José de Boroma e tanto trabalharam sempre:

Padre Victor José Courtois, então superior da missão da Zambesia.

Padre João Hiller, parochco de Tete.

Padre Estevam Czimmermann, parochco de Boroma.

Francisco Bick, professor da Escola de Boroma.

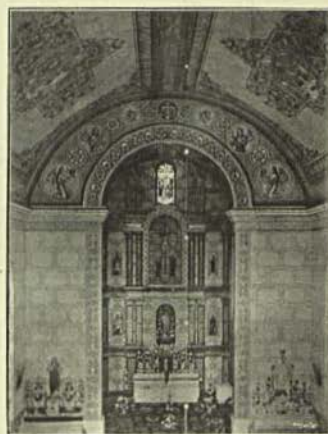
Francisco Phioda, irmão da Companhia, operario e sacristão.

O Padre Courtois, que esteve muitos annos na Zambesia, e que imprimiu varios livros de instrucção e historia interessantissimos, foi mais tarde transferido para o districto de Inhambane, onde falleceu, deixando um vacuo insubstituivel entre os seus amigos e um nome para sempre respeitado e bemquisto.

O Padre Czimmermann que ficou substituindo o padre Courtois como superior e que muito fez tambem para o engrandecimento da missão, morreu tambem por lá no cumprimento obscuro do seu sagrado dever.

Hoje é o Padre João Hiller quem dirige superiormente a missão de S. José de Boroma. E' a elle que devemos a obsequiosa remessa das photographias que hoje aqui reproduzimos e que representam interna e externamente a nova magnifica egreja construida em Boroma e já sagrada ao culto, a qual, para montante de Quilimane não é excedida nem igualada por qualquer outra.

E' triste registrar-se aqui, que dos cinco individuos acima mencionados, eram todos tão sinceramente devotados á causa da reli-



Interior da egreja

gião, que apesar de extrangeiros todos, a soberania portugueza nenhum perigo podia correr. Na margem esquerda do Zambese, e um pouco a montante de Boroma, está o prazo Inhaondó, que tambem visitámos, e onde os Padres tinham uma excellente horta. E' n'esse prazo que existem umas curiosas nascentes de agua quente, que dizem ser boa para varias molestias, mas que ainda não haviasido scientificamente analysada.

A missão de S. José de Boroma está completamente sujeita á jurisdicção espiritual do prelado de Moçambique, embora os Padres jesuitas sejam filhos da casa mãe situada em Graham's town na colonia do Cabo da Boa Esperança.

Esperamos em breve poder dar aos nossos leitores mais circumstanciada noticia da missão de Boroma, a qual já pedimos ao seu actual superior Padre João Hiller.

Oxalá que muitas missões assim viessem a fundar-se e a prosperar nos territorios das nossas colonias africanas!

AUGUSTO DE CASTILHO.



Vista geral da missão em 1888. — Segundo um croquis de Augusto de Castilho

## O theatro no Rio de Janeiro



EVE já ter, chegado ali através ou das notícias dos jornais ou das cartas dos amigos, a notícia terrível de que o theatro da Capital Federal da Republica dos Estados Unidos do Brasil, agoniza, ameno e sem forças, sem que se saiba, ao menos, que tónico poderá reanimá-lo.

Para mim, a época que o theatro atravessa no Rio de Janeiro é naturalíssima.

Depois da admirável época tragica, durante a qual floresceu o genio de João Caetano dos Santos, e a qual seguiu-se a reacção violentissima da introdução do theatro moderno por Furtado Coelho, era fatal, imprescindível que o theatro descesse á bambuchata, á magreza, á revista.

As evoluções não se fazem a seguir; as decalhas não necessitam. Se o progresso fosse um facto,



O actor Peixoto

se a sua marcha não tivesse alternativas e elle, na falta de seguir, não encontrasse obstáculos insuperáveis, quão terrível, á humanidade egualaria Deus em duzentos annos, no maximo.

Faz-se mister que tal se dê para mais brilho ainda nas evoluções.

Á quadra por que passa o theatro no Rio de Janeiro nada tem de anormal.

Á para flor do genio, que nasceu e floresceu no nosso theatro com João Caetano, cresceu-se, enfim, cabiu, morreu, fez-se pó.

E' imprescindível o adubo da farça e da revista para auxiliar a terra na geração grandiosa, para que nova flor, de mais grato aroma, possa nascer e florescer.

Do naufragio, entretanto, escaparam, nas varias ramificações do theatro, caracteres e mentalidades que ficaram illosos e que passaram incolores.

Elle ha de tudo e isto contribue para mostrar o quanto ha de verdade nas minhas asserções e no meu modo de ver; no nosso meio: — criticos, escriptores, artistas e publicos.

Na esgravidade, entretanto, salta fora um fio: Qual? Eis o que seria necessário procurar; mas esta tarefa cabe aos que não admittem o terrível da quadra, como uma consequencia natural de duas grandiosas épocas.

E a prova é que, de quando em quando, apparece um artista ou um trabalho de valor, ou uma critica, mercedora d'esse nome.

Parce que vai caber ao Centro Artistico a gloria de levantar o theatro, de iniciar a campanha da revolta contra a bambuchata. E conseguirá a victoria, por que já será tempo.

Não cessou meio dos nossos artistas e dos nossos escriptores escapam ainda alguns, dos quaes tratarei successivamente, acompanhando os apontamentos biographicos do retrato do biographado.

## II

O actor Peixoto é a intelligencia artistica mais completa do nosso meio. Em peiz, quando caixeiro de uma loja de cigarros, elle, cujo nome é Antonio Peixoto Guimarães, diz-se Joaquim Augusto, só para que, quando o chamassem, tivesse elle a illusão, quão momentanea, de que era o grande artista. A noite, findo o trabalho, n'quelle tempo em que o caixeiro tinha qualquer coisa de escravo, fa-

gia da loja e ia para o theatro D. Pedro ver e ouvir os artistas. Um dia o patrão disse-lhe: — Que diabo! Você quer por força ser comico? Pois vá. E, enquanto elle não pagarem ordenado, terá aqui casa e comida!

E o Peixoto foi. Todos os dias, depois do jantar, fazia as scenas capites dos primeiros artistas, trepado n'uma harrica, na loja. Um dia, ao fim de seis meses, sangrou-se com o patrão.

— Não quero mais as suas sapos! E, com os 409000 réis que ganhava, o Peixoto fazia o milagre de andar sempre de cartola, sobrecasaca e luvas! Aos poucos fez-se um nome e já ha talvez uns dez annos que o Peixoto é o Peixoto. Quando foi artista, pelo talento e pelo esforço proprio, pô de lado as luvas, a sobrecasaca e a cartola.

Tem creações magnificas, graça natural e intuitivo como nenhum. Não fosse elle e as revistas nunca seriam cousa alguma no Rio de Janeiro.

O Peixoto tem uma especialissima tendencia para reproduzir typos no theatro. Chegá a ser genial, porque não lhe escapa um gesto, uma nada.

Á fala, os habitoes, todo elle transporta para a scena com absoluta verdade.

Ná quadra terrível que o theatro tem atravessado, o Peixoto, e com elle varios artistas, teve de buscar sustento no theatro de opereta e de magia.

Mas um bello dia o theatro Apolo, que tem a melhor companhia do Rio de Janeiro, resolveu-se a representar a comedia. O Peixoto acabou-se, como diz o outro, nas suas sete quintas. O papel de Bazzini, no Amor trambolho (*Le fil à la patte*) é uma creação notavel.

Mago almas, em toda a plenitude de vida, viveu o theatro nacional e o Peixoto seria um dos poucos cujo logar estaria garantido e no qual seria insubstituível.

## III

Gabriella Montani pertence tambem ao elenco do theatro Apolo, o que já é um elogio para qualquer artista.

Gabriella Montani, que só conta sete annos de theatro, teve a felicidade de principiar sob a influencia benéfica de Furtado Coelho.

Começou, impondo-se immediatamente, no papel de Trindade, na comedia *Metter-se a redeptor*. Filha de dois artistas de primeira ordem, de Giovanni, o galan dramatico de João Caetano, e de Jequima Montani, ambos brasileiros, apesar do nome italiano. Gabriella não desmentiu a raça de artistas a que pertence e é o indiscutível.

Fidalgas por natureza e indole, Gabriella Montani, no theatro nacional, seria a nossa primeira actriz de comedia. Tanto e a tal ponto isto se evidencia que, com o caso que a narrar, claramente se vê a verdade da minha asserção.

Na opereta *A opereta e a formiga* Gabriella Montani teve a seu cargo uma marquette.

Fidalgas de opereta, onde os costumes são ridicularizados e os typos traçados á larga, como nas caricaturas, Gabriella interpretava-o mal para o generico



Gabriella Montani

ro, pois faria uma fidalga a valer, e o que seria admiravel n'uma comedia passava por inadmissivel n'uma opereta.

Esses tom de nobreza da physionomia, essa ponta de sorriso irreal, esse olhar amotetido, finamente malicioso, deixam perceber claro toda a intelligência de Arte que ha n'quelle cabeça, emmoldurada prematuramente por cabellos brancos que ella ostenta, quid pro valde.

D'ahi talvez o destino, comprehendendo-lhe a nobreza, os empossou mais cedo, como os das fidalgas da corte de Luiz XIV...

(Continúa)

ORLANDO TEIXEIRA.

## Bibliographia

Notas para a historia do Ceará — pelo dr. Guilherme Studer. — Lisboa, 1902.

Conta este volume de 500 paginas de apontamentos historicos sobre a segunda metade do seculo transacto, os quaes se dividem por dez capitulos, em que são apontados e esboçados os pontos mais importantes.

Consequentemente os factos que dizem respeito ao Ceará, como sejam referencias aos diversos exploradores, e as evoluções através dos seus periodos são aqui expostos de modo documental, fornecendo d'estarte um substituto valioso para uma monographia mais completa sobre o Ceará.

Ninguém ignora a importancia das regiões da America do Sul e como elles parecem estar destinadas a um futuro extraordinario, a um papel importante na civilização.

Este trabalho é, como muito bem diz o seu autor, — o fructo de persistentes investigações nas fontes mais puras que lhe foi dado encontrar; — faz-lhe preciso dispendir um longo e precioso tempo e um não pequeno cabedal.

As notas para a historia do Ceará além da utilidade immediata, são para o espirito do leitor menos preoccupado um repouso escogido, um agradável appetite, porque a linguagem em que está feito este trabalho proporciona encontros sem fatigar.

Voyage au Tacaná — Araguaia. (Dezembro de 1893 a maio de 1897), por Henry Coudreau. — Paris, A. Lefevre, editor.

Esta obra é illustrada com 87 gravuras nítidas, perfeitamente, sendo algumas d'ellas uma especie de esquemas. Contém além d'isso uma curta orographia da região e todo isto constitue um volume de luxo com mais de duas centas e oitenta paginas, magnificamente impresso.

Como todos os trabalhos d'este genero recommendados sempre pelo assumpto, este livro escorpiu n'uma linguagem apropriada e adaptavel ao fim, proporciona uma leitura encantadora.

O autor vai descrevendo singela mas succinatamente todo quanto lhe fere a attenção, pondo-nos diante dos olhos os terrenos que atravessa, as povoações com uma narrativa attenta ainda mais pelas suggestivas gravuras que nos vão elucidando.

Por esta forma a leitura d'estas duzentas e tantas paginas é acompanhada de muito interesse; — mas a vista epistolaes chios de imperitos e descriptos por meio de dados scientificos que elles sejam do dominio da demographia, da fauna ou da flora, quer da mineração, erboriologia ou da zoologia etc. E um trabalho esplendido encareado sobre qualquer aspecto e, portanto, um livro que pode aguar tanto a curiosidade de um explorador, d'um tecnico em geral como a do leitor menos preoccupado com questões de zoologia, botânica e sciencias congeneres.

Estas obras de rigorosas observações scientificas, sendo escriptas por um processo que toda a gente possa comprehender, são enormemente vantajosas e distrahem sem grandes esforços de applicação para os menos entendidos.

Avale-se por aqui qual a importancia e utilidade d'estas viagens.

Fiel Gonzalo Velho — por Ayres de Sá. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1899.

Esta importantissima monographia d'um velho lobo do mar que abriu caminho para a India affluente ainda para além do Cabo Bojador, á Terra Alta, em 1418, e que descobridor dos Açores em 1431, vem nos lembrar a necessidade de ha de fazer resoluções nos nossos archivos chios de extraordinarias lendas, de acontecimentos maritimos como nos dá ella essa epopeia tropica-maritima, onde se encontram descriptas com verdades hypophis extranhas e lanceas quasi extrahumanas da vida de mar dos nossos maiores.

Por consequencia com que satisfação nós applaudimos este trabalho do sr. Ayres de Sá, com que prazer e encorajamos a novos committimentos d'este genero tão divorciados das nossas tendencias. Todas estas escavações historicas demandam um estudo profundo, uma vida inteira, passada pelas bibliotecas e archivos, além das complicas especulações do historiador.

Não podemos fazer uma ideia sufficientemente ampla do valor d'este rigoroso estudo, mas pelo que vimos e julgamos não ser impossível documentar com mais cuidado todas as afirmações historicas acerca d'esta bella figura de Gonzalo Velho.

São raros entre nós estes trabalhos e, por isso, tanto maior é o nosso espanto por os vermos tratados com esta largueza de vista, com esta sobriedade de documentação que os torna mais apreciáveis.

O livro do sr. Ayres de Sá era destinado a celebrar o 1.º centenario do descobrimento maritimo da Europa para a India e do descobrimento da America do Sul.

E' com muito prazer que registamos o apparecimento d'este seu trabalho por tantos titulos recommendavel.

# BRASIL-PORTUGAL

Impressão na Typ. do Commercio  
TRAVESSA DO SACRAMENTO AO CARMO, 3 e 7

REVISTA QUINZENAL ILUSTRADA

Editor — LUIS ANTONIO SAUNDERS  
Redac. e administ. — R. Ivens, 32 — LISBOA

## ASSIGNATURAS

| ESTADOS UNIDOS DO BRASIL |                         | PORTUGAL           | ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO |
|--------------------------|-------------------------|--------------------|-----------------------------|
| Anno.....                | (moeda brasileira)..... | Anno.....          | Anno.....                   |
| Numero avulso.....       | .....                   | 6 meses.....       | 6 meses.....                |
|                          |                         | 3 meses.....       | 3 meses.....                |
|                          |                         | Numero avulso..... | Numero avulso.....          |

## SUMMARY

## LORJÓ TAVARES

## Dr. Tavares Crespo

Chronica electrica — BRASIL PORTUGAL.  
João Baptista Junior.  
A praia da Nazareth — JAYME VICTOR.  
Notas de inverno — VERNES DE ALVARES FLAVIO.  
João Rio — CARACUTIAS DO CARMO FERREIRO.  
O cyano — VERNES DE LUIZ GUIMARÃES, ADEIRA DE OCEANO.  
A sua Silva.  
O seu sentimento — ANSELMO TEIXEIRA.  
O presidente da Republica Argentina.  
Martyr Margarida — EUGENIO DIAS.  
João Gonçalves Ribeiro, o Pezadouro.  
Quando se casava — VERNES DE ALMEIDA GARRETT.  
A missão de S. João de Borjoma — AUGUSTO DE CASTILHO.  
O theatro no Rio de Janeiro — OSMAR TEIXEIRA.  
Bibliographia.

### Páginas supplementares

Agentes no Brasil.  
Lorjô Tavares no Rio de Janeiro.  
Dr. Tavares Crespo.  
Silva Nogueira.  
Curiosidades.  
Silencia facil.  
Huras d'oculo — F. A. DE MATTOS.

### 38 ILLUSTRAÇÕES

## AGENTES NO BRASIL

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem  
ja os seguintes representantes nos diversos  
Estados do Brasil:

**RIO DE JANEIRO** (provisoriamente) João  
José da Silva Lima.  
**PERNAMBUCO** Leopoldo A. da Silveira.  
**PARÁ** — Manuel Ferreira Santos Junior (ca-  
ta Very Well).  
**MANAOS** — Lino Aguiar & C.  
**MARANHÃO** — Leoncio J. de Medeiros & C.  
**CEARÁ** — Salles Torres & C.

A Empresa BRASIL-PORTUGAL espera  
dentro em pouco completar a relação dos  
seus correspondentes em todos os outros  
Estados.

Com elles se poderão entender directo-  
mente todos os srs. subscriptores d'esta  
publicação, no Brasil.

### NO RIO DE JANEIRO

Este nosso presado collega na propriedade da  
empresa e direcção do «Brasil-Portugal» tem si-  
do no Rio de Janeiro, onde se encontra ainda  
com sua esposa, alvo das mais significativas ma-  
nifestações de hospitalidade e estima, tanto por  
parte de brasileiros distinctos como dos mais il-  
lustres membros da colonia portugueza.

Lorjô Tavares, que levava de Portugal as mais  
altas recommendações para o presidente da Re-  
publica, foi apresentado a S. Ex.<sup>a</sup> pelo nosso en-  
carregado de negocios, o sr. Lampreia.

O dr. Campos Salles recebeu gentilmente o  
nosso collega e marcou-lhe uma nova entrevista  
já se realisou, e em ambas o acolhimento  
feito pelo chefe do Estado captivo em extremo  
o nosso querido amigo.

O sr. Lampreia offereceu em Petropolis um  
jantar a Lorjô Tavares e a sua esposa, con-  
vidando outras pessoas para essa festa intima, em  
que o representante de Portugal e sua ex.<sup>a</sup> es-  
posa dispensaram aos seus hospedes as maiores  
amabilidades.

O nosso compatriota e abastado capitalista  
o sr. conde de Santa Marinha hospedou durante  
alguns dias no seu opulento e encantador pa-  
lacio da Gavia o nosso collega e a sr.<sup>a</sup> D. Mar-  
garida Lorjô Tavares, aos quaes cercou das  
maiores atenções e gentilezas.

E conjuntamente com estas manifestações de  
deferencia pessoal, tem Lorjô Tavares, durante  
a sua estada no Rio de Janeiro, reconhecido que  
é igualmente captivo e effusivo o acolhi-  
mento feito a nossa Revista em todo o territorio  
do Brasil.

Cumpre nos, pela parte que nos toca, registar  
com prazer estes factos que traduzem a geral  
sympathia pela empresa a que nos abalancamos  
e pelos esforços que fazemos para corresponder  
ao favor do publico, frisar o nosso reconheci-  
mento por todos os que têm contribuido para o  
exitos do «Brasil-Portugal», e agradecer à im-  
prensa do Rio de Janeiro, como já agradecemos á  
do norte do Brasil, as palavras de louvor e de  
incitamento que tem dirigido á nossa publica-  
ção e ao nosso collega ausente.

Alguns dos clichés da Praia da Nazareth, que  
hoje publicamos, devemos os á amabilidade do  
sr. dr. Antonio Licio Tavares Crespo, illustre  
conservador no Porto, e um dos entusiastas da  
lindissima praia, á qual são hoje consagradas al-  
gumas paginas d'esta Revista.

O sr. dr. Crespo, que é um homem superior-  
mente illustrado e dos mais distinctos amadores  
da arte photographica, entre tantos que tem  
honrado estas paginas com os seus trabalhos, não  
só nos offereceu um grande numero de provas  
suas, algumas das quaes iremos publicando por  
outros numeros, mas fez-nos a gentil promessa  
de ser um collaborador artistico permanente do  
«Brasil-Portugal».

Reconhecidamente lh'o agradecemos.

## Silva Nogueira

É pena que Lisboa não possa mais frequente-  
mente admirar os trabalhos impecaveis que  
saem do atelier photographico, á frente do qual  
estão dois verdadeiros artistas, irmãos no sangue  
e na arte, que levam a sua modestia, ou antes a  
sua excentricidade, a não se afastarem de terras  
humildes e pouco populosas. E' em Faro e na  
Praia da Nazareth que, alternadamente, os srs.  
Silva Nogueira executam os seus trabalhos pho-  
tographicos, para os quaes dispõem das machi-  
nas primorosas que pertencem a Carlos Rel-  
vas. Atravez das photographuras dizem os clichés  
que hoje publicamos, e os que continuão a il-  
lustrar estas paginas, o que são como nitidez,  
vida e perfeição, os trabalhos com que estes il-  
lustres artistas honram a arte nacional.

## CURIOSIDADES

### Belleza artificial

Ha em Paris umas mulheres, a que  
chamam émailleuses (esmaltadoras), que  
gosam de grande fama pelas maravilhas

Conselho d'Amigo...  
Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

que operam, rejuvenescendo o rosto das senhoras de quem a formosura ameaça despedir-se. De todas as capitais da Europa concorrem, uma ou duas vezes por anno, ao gabinete das mais celebres, grande numero de damas para as quaes os annos parece irem passando impune-mente.

Recorrem as senhoras a taes especia- listas para que as emmagreçam ou engor- dam, lhes branqueiem a cutis e lhes deem bonita cor, lhes elevem ou baixem os hombros, lhes alizem a pelle, lhes modi- fiquem o olhar; n'uma palavra, para que lhes corrijam todos os defeitos que constituem a differença entre a fealdade e a belleza.

As esmaltadoras, porém, não empre- gam cosmeticos nem pomadas. O seu tratamento é scientifico e exclusivamen- te hygienico.

As gordas aconselham que tomem pela manhã um banho de agua salgada, que se prepara com dois ou tres punha- dos de sal deitados de vespera na agua do banho. Depois o corpo da paciente é todo esfregado com toalhas grossas, e com bastante força por duas raparigas robustas. Para diminuir o appetite pre- ceituam, antes da comida, uns poucos de grãos de café torrado. Os alimentos de- vem consistir principalmente em agriões, alface e espinafres.

As magras mandam comer grande quantidade de cenouras e rabanos, e to- mar umas gotas de phosphato acido pa- ra lhes despertar o appetite para o pão de rala e fructa; e sobretudo que, ao de- itarem se, tomem um grande copo de lei- te; meio infallivel, ao que parece, para fazer engordar as meninas excessivamen- te fracas.

As que tem os hombros descachibos prohibem o uso do espartilho e man- dam n'as usar suspensorios. Os effeitos são surprehendentes quando, alem d'isso, a senhora que tem semelhante defei- to é obrigada a puxar pela corda de um montão tres ou quatro horas por dia, com os devidos intervallos de descanso. Cum- pre advertir que da outra extremidade da corda que gira na roldana, deve pen- der um peso não pequeno.

As tropegas e pesadas tornam-se leves e vaporosas, saltando por cima de uma barra, cuja elevação do solo vá augmen- do de dia para dia.

Quando o rosto de qualquer senhora adquire umas cores demasiadamente ru- bicundas, recitam-lhe grandes quanti- dades de chá e banhos quentes.

As pallidas convem os banhos frios e uma garrafa de vinho generoso todos os dias.

Uma cousa que tambem alimenta de um modo prodigioso as senhoras fracas, e que é muitissimo efficaz aquellas cuja pelle perdeu a frescura ou cujas carnes afrouxaram, é o banho de leite. Este remedio tem entrado no rol das cousas fabulosas por ser carissimo, entretanto é certo que algumas aspirantes a belldades o usam, e que os especialistas em mate- ria de formosura o recitam. Alem d'isso é este um systema que frequentemente se emprega, localizando-o contudo a diferentes partes do corpo. Por exem-

plo, a uma senhora que tem os braços e o collo flaccidos, fazem-na banhar os braços em leite, e esfregam-lhe pacien- temente o collo com o mesmo liquido. D'este modo os braços e o collo engor- dam; a pelle enrija, arredondam-se as formas, e a cutis resplandece de alvura.

As rugas desaparecem e a pelle em- branquece tambem, cobrindo de pó de borax a cara, braços e collo, os quaes para esse fim devem ser previamente hu- medecidos. Os póis tiram-se depois com uma escova finissima. Ao cabo de algu- mas horas d'este tratamento está reali- zada a cura. Produz igualmente muito bom effeito a untura com uma pasta composta de borax e glicerina, que de- pois se lava com agua salgada e cognac da melhor qualidade.

E aqui estão revelados alguns segre- dos da futura casa de belleza. Convem entretanto advertir que as medicas e especia- listas em curar a fealdade são em ex- tremo severas, e não permitem de ne- nhum mo- lo que as clientes deixem de cumprir á risca as suas instrucções.

O que é certo é que ha senhoras que se entregam feias nos mãos d'estas no- vas sacerdotizas do culto da belleza, e que passado algum tempo nem as suas proprias amigas as reconhecem de for- mosas que se tornam.

Somos de opinião que semelhantes ca- sas de belleza deviam ser largamente sub- vencionadas polos governos; porque a verdade é que vale muito mais prom- over a belleza da mulher que a do caval- lo ou qualquer outro animal das especies inferiores.

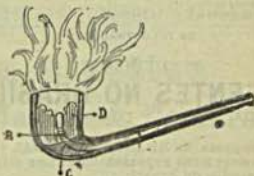
#### 0 peso do pensamento

«Mais leve que o pensamento» era até agora a ultima expressão da leveza, do subtil, do imponderavel. Pois temos que recorrer a outra imagem, porque a sciencia já inutilizou aquella. O professor ita- liano Mosso construiu uma balança des- tinada a verificar o peso do pensamento humano, e afinal a cousa parece simples. Estende-se uma pessoa horizontalmente e deita a cabeça na balança. Como cada esforço de imaginação leva ao cerebro maior quantidade de sangue, a balança descera tanto mais quanto maior for a intensidade do pensamento. Até a dor- mir podemos nós fazer baixar a balança; basta para isso que um leve ruido nos

faça concentrar em sonhos a attenção. Partindo d'esta theoria, fez aquelle pro- fessor outras experiencias mais facies que a da balança. Por exemplo: mettendo a mão n'uma bacia de agua, o nivel d'esta sobe ou desce segundo a intensidade do pensamento, visto como tal intensidade altera a circulação do sangue, e por isso augmenta ou diminui o volume da mão. Pela simples observação do pulso adivi- nhava o professor Mosso quando um seu amigo e collega lia italiano ou grego, ma- thematico ou historio. As experiencias são muito curiosas, e assim como já se mede a luz a palmos não tardará que se pese o pensamento a grammas, tornan- do-se possivel averiguar os kilogrammas de imaginação que um auctor gasta nas suas obras. E pode até ser, como já dis- se um curioso, que se chegue a comprar o talento a peso.

### Scienca facil

LAMPADA DE MAGNESIO PARA PHOTOGRAPHIA.—A maior parte dos admiradores de photographia ve- se ás vezes em serios emborçãos para photogra- phar qualquer recinto escuro, e não possuindo a lampada propria para o magnésio. Vamos ensi- nar a maneira de arranjar uma cujos resultados são bons.



Colloca-se na fôrma de um cachimbo de ges- so um pequeno tubo de vidro ou metal (A) com- muniçando com o tubo do cachimbo, e fixa-se ali por n'io de um pouco de gesso de presa (C). O resto da fôrma é cheio de estopa im- pregnada de alcool (D) e no tubosinho de vid- o introduz-se por meio de um palito o pó de ma- gnesio (B).

No momento em que se quer utilizar a lâm- pada accende-se a essencia e logo que esta arde bem assopra-se pelo tubo do cachimbo, ou com a bocca ou por meio de uma pera de borracha; é bom no primeiro caso fechar os olhos e não aspirar; é sempre preferivel empregar a pera de borracha para se não dar qualquer desastre.

Quando se quer uma chamma muito alta in- tensa é preciso, antes de deitar o magnésio, quei- mar uma pequena porção de essencia na fôrma- lha estando a abertura virada para baixo; a cham- ma subindo ao longo das paredes da fôrma lha a temperatura d'essas paredes favorecem a

### Uma viagem de recreio



sim a evaporação da essência n'outra operação imediata.

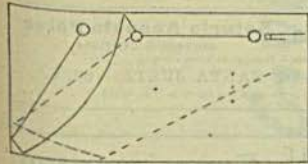
Eu VUI CÃO IMPROVISADO.—Agora que o tempo vai quente é que este passatempo se pode executar facilmente. Para isso basta tomar partes iguaes de liminha de ferro e enxofre e amassar com agua de modo a ficarem perfeitamente misturados estes dois productos. Em seguida enterrar a pasta resultante n'uma cova com 30 centimetros de profundidade e deixa-se estar. Passadas umas 8 ou 10 horas vê-se a terra levantar-se e formar como que uma montanhasinha no vertice da qual se abre uma cratera por onde se escapa fumo e uma pocira amarelada que se espalha pela montanha.

ORAVA.

## Horas de ocio

### O BILHAR

#### Carambolas de phantasia



#### Charadas novissimas

Yerra na estrada este prato — 2, 1.

A Dito.

Boquita mulher é esta mulher — 2, 2.  
 CRAT... qual é o numero d'esta filiz? — 1, 1.  
 Cretal. Não sonho que o caso não é para isso — 2, 2.

Adora-se no Egypto com o nome de Cybele esta sacerdotisa de Minerva — 2, 2.

Em toda a parte do mundo se joga — 1, 1.

O tal numero dos que fazer em certo tempo — 2, 1.

E' na India que meche e remeche o lenço — 2, 2.

No cantinho é alegre e franco e denota virtude — 1, 1, 1.

#### Charadas em verso

Porque choras? o pranto  
 Nos teus olhos faz mal.  
 Abandona o nariz tropeço,  
 Brilho de luz divina.

N d'essa plagia d'amor,  
 Onde vives tão feliz,  
 Sem sazes do pensamento  
 Manda dizer ao infeliz!

Por ella passei,  
 N'ella toquei — 2  
 Por ella passei,  
 N'ella toquei — 2  
 Por ella passei,  
 N'ella toquei.

H.M.S.P.

RECREATIVA DE MATTOX.

#### Logogripfos

(Par lettras)

Animal — 1, 4, 5, 6.

Animal — 1, 4, 5.

Animal — 1, 2, 3, 4.

Aqui teus leitor amigo

traz bonitas animas;

Do conceito nada digo

Pois que é nome já bispoas.

Eu sempre q'ria saber — 1, 5, 7, 1, 4.  
 d'algum sabio no assumpto  
 é mais bonita a sardinha — 5, 6, 4, 3.  
 se é o crum de defenso.  
 Porque me disse em yuma — 2  
 rom quem hontem diacasi.  
 que a dita fide era em França  
 mais bonita do que aqui.

#### Charada em quadro

Que se encontra alguém dis  
 mas não n'a dizem a senti.  
 Que seu padre sou e affirmam  
 de metas perdias em tu...

#### Enigmas

D'm sabe bem ao centro vê se não homom

Fato, horivel, expulso!

Podendo ter da terça a da primeira

O conceito pendera.

G. A.

#### SOLTEIRO VIVO

AL

VA

#### Decifração do n.º 11 do BRASIL-PORTUGAL

Das charadas decapitadas.—Amara, Opoda.

Das charadas serializadas.—Linguardo, Carapeta, Felicia,

David, Adalia, Cossé, Rêr.

Da carta sygnatica.—Fidelidade.

#### Correspondencia em minilatura

Melena (?)—Será Helena; será; mas descerda muito da caligrafia... Palpitia me que a Helena escreba um machucado! Em todo o caso, muito agradável o seu jorral. De hoje basta jogar.

La volta (Liliana).—Pois era melhor que não voltasse. Pensei no E5 pois da estampilha; mas já que assim o quer faço lhe a vontade, publicando uma das suas charadas.

El la:

«E' um arleto, 2  
 isto vem a ser o Tejo, 3  
 Caza bem  
 NE galia é que eu o vejo»

Fica contente?

F. A. DE MATTOX.

### AGUAS DE CARABANA

PURGATIVAS SEM INJURIA, DEPURATIVAS, ANTI-HEMORRÓIDICAS, ANTI-NEURALGICAS E ANTI-SCORFOLITICAS

**12 MEDALHAS D'OURO E 10 DIPLOMAS D'HONRA**

Tudo se guarda leveza em retazo com a fructa dos  
 unicos depositarios para  
 Portugal lhas e colunas. *Extrato de S. Paulo*  
 A VENDA E M TODAS AS PHARMACIAS  
 Representa: **RIBEIRO DA COSTA & C.**  
 150, Rua do Arsenal, 152—LISBOA

## Uma viagem de recreio



III



IV



V

### AGUA DOS CUCOS

DEPOSITO  
 R. DOS FANQUEIROS  
 282  
 LISBOA

AS MAIS LITHINADAS DE PORTUGAL  
 USO INTERIO.—Estomago, gota, rheuma  
 humo articular, diabetes.  
 USO EXTERNO.—Rheumatismo, gotta,  
 Hêmia e Cacolet, installações as mais con-  
 fortaveis e completas de Portugal.—O estabe-  
 lecimento abre em 15 de maio e fecha em 31  
 de outubro.—Administração geral:—Rua da  
 Magdalena, 37, 3.º, Lisboa.—Gerecia: A.  
 Rafaela do Carmo, Torres Vedras.

## Luvaria Gatos

268, Rua Aurea, 270

LISBOA

LUVAS E GRAVATAS

PREÇOS BARATISSIMOS

Remette-se catalogo  
 e collecção

A quem requisitar

Marcas registadas

**Gatos-Peixes**



## TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

LITHIA, ABILIO & SARAYA

Travessa do Sacramento, no Carmo, 3 a 7—LISBOA

N'esta officina se executam com promptidão e economia todos os trabalhos concernentes a arte typographica.—Especialidade em obras de luxo.

FLOR DA CHINA

**Bastos & Gomes**

39 e 41, Rua da Palma, 39 e 41

LISBOA

Todos os melhores cafés importados directamente das nossas colonias africanas.—Chás de superior qualidade.

Variadissima collecção de chavenas para brindes, serviços de louça de Limoges, Japão e India.

Lindissimas collecções de leques de phantasia, em sandalo, marfim, madreperola, etc., etc.

Lenços da India e Xarões.

## Grande Hotel Ribeiro

Caldas do Gerez—PORTUGAL

Proprietario e director — Antonio Joaquim Martins Ribeiro

Iniciador de hotéis no Gerez, com longa pratica de 20 annos no tratamento de doentes proprios d'esta estação. Funciona desde maio a outubro. Preços desde 1300 a 13500 réis diarios. Serviço com e sem dieta. Asseio e esmero.

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—RIBEIRO GEREZ

|                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                       |
|-------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>A VENDA NAS PRINCIPAES MERCADORIAS EM LISBOA PARA A AFRICA</p> | <p><b>Manteiga de Tondella</b><br/>Qualidade <i>Excellente</i><br/>De puro leite de vacas da Serra do Caramulho<br/>BEIRA ALTA<br/>Vantagens nos arts. revendedores<br/>Representantes em Lisboa<br/><b>NEVES &amp; RIBEIRO</b><br/>RUA DOS CORREIOES, 174, 1.º</p> | <p>A VENDA NAS PROVINCIA PRATA, E THERMAS, FIGUEIRA, VIZEU E SANTA COMAGÃO, ETC. PHARMACIA ESPECIAL PARA O BRASIL</p> |
|-------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Consultorio dentario **Saturio Augusto Paiva**

CIRURGIÃO DENTISTA

Pela escola de Paris. — Doença de boca e dentes

60, 2.º—RUA DE SANTA JUSTA—60, 2.º

Consultas gratis nos p. breves das 10 da 11 da manhã

"VIOLETTE ROYALE," Experimentem

PERFUME FINISSIMO PARA O LENÇO — FRASCO 850 RÉIS

Armazem de Novidades } 90, 1.º R. do Carmo, LISBOA

## GRANDE HOTEL DO PORTO

Rua de Santa Catharina

Hotel de primeira ordem, o mais importante e melhor situado na cidade. Aposentos e quartos a preços moderados. Esplendida sala de jantar. Cozinha franceza. Vinhos escolhidos. Salão de leitura com jornaes portuguezes e estrangeiros. Sala de bilhar e sala de fumo. Telephone. Caixa de correio.

Grande estabelecimento de banhos

ILLUMINAÇÃO ELECTRICA

Falam-se as principaes linguas estrangeiras

**Sapataria Luso-Brazileira** de Francisco d'Oliveira SUCCESSOR  
Antigamente: Moreira Bastos & Fonseca

Calçado de luxo para exportação

FABRICO EXCLUSIVAMENTE "MANUAL,"

93, RUA DO OURO—LISBOA



**CESAR A. PAIVA**

Cirurgião dentista

de Suas Magestades e Altezas

Consultorio

R. do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

Peitoral N. Senhora da Saúde

INVENÇÃO

DE

ALFREDO TAVEIRA DE SAMPAIO E MELLO

REGISTADO

Analisado (analise 4072)



Meu querido amigo sr. Alfredo de Sampaio e Mello

Com o duplo prazer de tornar publico um facto que me é extremamente agradável e o de satisfazer os desejos do meu querido amigo, tenho em declarar que minha filha Maria Taveira, soffrendo de uma verdadeira bronchite que lhe produzia violentas e continuadas a'gudas de tosse, foi curada pelo Peitoral Nossa Senhora da Saúde de que o meu amigo é glorioso inventor. Um frasco apenas restituiu a ella o sono e a calma e alegria e o prazer de a ver curada. Eis o que se me offerece dizer e que publicamente declaro, podendo o meu amigo fazer o que que desejar d'uma carta. Sou com a maior estima seu amigo. S/O Rua do Molho, 4, Lapa, 12, 1.º — de Alfredo Taveira de Sampaio e Mello. Segue o reconhecimento pelo tabellião Grillo.